Ano XII — Lisboa, Setembro-Outubro de 1956 — N.os 137 e 138

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO DUPLO 3$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

MAHON

Numa tarde de Dezembro de 1945, na vila formosíssima de Figueiró dos Vinhos, que corre mundo em telas, rescendentes de luz e de cor, de Mestre José Malhoa, extinguiu-se, docemente, suavemente, como a chama de uma vela, um velhinho, de rosto sulcado de rugas.

Chamava-se esse velhinho, meão de estatura, abatido por doença que não perdoa, Neutel Martins Simões de Abreu.

Quem o encontrasse, nos últimos tempos, curvado para a terra, miúdo, de voz trémula, não reconheceria nele o homem prodigioso, que caminhava, rígido e empertigado, à frente dos seus macuas, pisando, com firmeza, a selva e falando num vozeirão de arripiar. Quem o visse, como luz bruxuleante que, em breve, se apagaria, não via nele o famoso MAHON, de quem as tribos negras falam como de um ente sobrenatural. Só quem escutasse, aos serões, o velhinho, é que poderia avaliar, pelas suas evocações saudosas, o muito que essa figura extraordinária realizara em prol de Portugal.

Foi exemplo dos mais destacados para os escoteiros esse vulto singularíssimo que, em terras de África, conheceu todas as angústias, foi roído por fomes, mas jamais assaltado pelo desalento. Aos poucos, devido apenas ao seu esforço e de alguns colaboradores, cujos nomes convém não esquecer — José Augusto da Cunha, José da Costa, Jerónimo de Almada Negreiros e outros — conquistou uma região quase tão vasta como a Metrópole e que só era nossa de nome. Venerado pelos indígenas como um semi-deus, a sua ocupação foi feita, sempre que possível, a um jeito pacífico. Porém, quando o negro era rebelde, Neutel dir-se-ia um leão a arremessar-se ao combate. Ria, sereno, da morte e, com habilidades de ilusionista, mostrava aos seus macuas, ululantes e ferozes, que as balas tinham por ele receio...

Poucos se lhe comparam. Neutel possuía excepcionais qualidades. Era resistente, enérgico, marchando pela areia escaldante, bebendo, com os negros, da água dos pântanos que as alimárias repeliam, enojadas. Quando nada havia de melhor para comer, devorara raízes. Mas, educado na escola de virilidade que é o mato, esse capitão sem temor mostrou, como disse um seu biógrafo, que em Portugal aparece sempre, na hora oportuna, o homem que convém.

Pouco depois de chegar a Moçambique, onde encontrou um cenário arripiante, toma parte nas operações de Napipe e na coluna de Matadane e Selege. Já alferes, bate-se nos combates de Muelene, Puite, Currane, Mepuza, Metozane, Macaleta, Naluby, Nhamiria, Pitamuro, Cocola, Nhamaliva, Nhamoria e Bopelane. Em 1904, ganha o combate de Nacucha, considerado dos mais brilhantes do distrito. Insatisfeito, começa a devassar o mato, enxameando-o de postos, de linhas telegráficas e telefónicas.

Em 1907, há, no ambiente severo da selva, uma cerimónia de estranho significado. Neutel realiza uma aliança de sangue com um poderoso macua, o régulo Mucapera-Muno, senhor das terras de Corrane. Unindo os sangues, os dois homens, de cores diferentes, passaram a considerar-se irmãos. Mucapera contou com um protector e amigo. Neutel, por sua vez, teve no negro um aliado fidelíssimo, que dispunha de grande influência para a penetração pacífica e de enormes contingentes para as operações de guerra.

Nesse mesmo ano, o MAHON fundou Nampula. Depois, bate o régulo Tutua, continuando a montar postos e, em 1910, toma parte na co-

(Conclui na 2.ª página)

CORRE, pelo Mundo, uma encarniçada onda de violência; pelos quatro cantos do planeta, tanto os indivíduos, como as nações, ou outras associações humanas, preparam-se, com afinco, para, a golpes de força, imporem os seus pontos de vista ou interesses indesejados às facções que não contam, para sua defesa, com a protecção de trunfos materiais de certa envergadura.

Estas violências são praticadas sob os mais variados pretextos, baseados, muitos deles, em ideologias vãs, em correntes de opinião pouco convincentes, em interesses inconfessáveis e, até, sublime ironia, em nome de apregoadas intenções de não-violência!

Há séculos atrás, já Séneca proclamava que «ninguém se faz amar pela violência» mas o Homem ainda não se apercebeu da precariedade dos seus esforços, quando a eles não preside a persuasão, a justiça, o amor.

Numa sociedade que se diz cristã, é curioso observar esta vocação arraigada para ímpetos tão ferozes. «Quem mata à espada, à espada morrerá» foi a sentença de Cristo, perante os destemperos do Seu dilectíssimo discípulo. Embora o uso da força seja reconhecidamente estéril para os intuitos proselitistas, mesmo assim o Homem deixa-se levar, repetidas vezes, pela miragem dos processos menos subtis, o que nos faz perguntar quando é que ele escutará, com ouvidos de ouvir, as serenas e ponderosas palavras do Divino Rabi da Galileia.

* * *

O ESCOTISMO é simples, disse-o B. P. e dizem-no todos aqueles que, com autoridade, se referem ao ínclito sistema educativo para a juventude. Ora, não é razoável nem defensável que se procure complicar aquilo que é naturalmente simples. Sendo assim, estranhamos o abuso do emprego do acrescentamento de epítetos à palavra escotismo, os quais podem fazer crer aos mais desprevenidos, se isso já não aconteceu, que há muitas formas de escotismo, com pronunciadas dissemelhanças de doutrinas e processos.

Tal ideia não corresponde, contudo,

(Conclui na 3.ª página)

MAHON

(Conclusão da 1.ª página)

luna com que Massano de Amorim aprisionou o negreiro Farelay, e bate-se no violento combate de Pedras de Nampoto. Não descansando, destrói as forças do Murrula, ajuda a coluna de Sangaje. Napaua, facínora da pior espécie, é morto e a sua cabeça passeada em triunfo na ponta de uma lança indígena. Em 1913, é a coluna aos namarrais. Monta-se o mais longínquo posto, o de Mutuali.

Estala a grande guerra. Neutel, já capitão, bate o planalto maconde, protegendo as forças que abrem uma estrada. A sede tortura-o. O gado relincha, tràgicamente; os negros precipitam-se sobre a terra, chupando folhas ressequidas. É promovido a major com dispensa das provas regulamentares, tem o peito constelado de condecorações, entre as quais a Torre e Espada. Terminara a sua tarefa.

Ao regressar à Metrópole, Moçambique prosperava. A lenda de invencibilidade dos macuas, dos namarrais e dos macondes havia terminado. O Farelay fora posto a ferros. No mato agreste, os negros entregam-se, agora, às suas plantações feitas nos locais onde pouco antes se haviam ferido combates. O posto de Nampula transformara-se numa vila aprazível em que cada casinha tem a sua varanda, sombreada de trepadeiras floridas, e jardins, em que chilreiam crianças.

Saudoso de Moçambique, o herói recolheu, modestamente, a Figueiró dos Vinhos. De lá saiu, tolhido pela doença, para ser homenageado na Sociedade de Geografia, em 1941, e, dois anos depois, para assistir à consagração nacional aos Heróis do Império, numa tarde de Junho, cheia de sol, em que soavam os clarins, as pombas desferiam largos voos e, no espaço, pairava um deslumbramento de luz. E, nessa hora soleníssima, junto ao cenário evocador dos Jerónimos, o velhinho de quem a gente de Figueiró contava os feitos, baixinho, como se rezasse, ouviu o jornalista Luís Teixeira dizer:

— Lembra-se, Neutel de Abreu? Quando de tribo em tribo, de colina em colina, por todo o sertão, ia ao ritmo dos tambores e no coro dos seus auxiliares nos cercos das aringas revoltadas, como se fosse a própria voz da floresta através dos matos e dos charcos, o nome de MAHON... MAHON... que os pretos acrescentavam aos de MONO-MOCAIA — o ciclone — e de M'TUPI MORRAJE — o galo da manhã — para se referirem a si como personagem de lenda que derruba as árvores velhas, afasta os animais selvagens e estica no alto os fios misteriosos do telégrafo — um deus, enfim, a quem as balas respeitavam, dotado de força invencível e de poder sem limites!

* * *

A Pátria não esqueceu o esforço desse militar destemido.

Em 23 de Agosto de 1956, sendo Ministro do Ultramar o Prof. Dr. Raul Ventura, e governador-geral de Moçambique o Comandante Gabriel Teixeira, o Presidente da República, Senhor General Francisco Higino Craveiro Lopes, também herói de Moçambique, inaugurou, na linda cidade de Nampula, um monumento ao major Neutel Abreu.

Segundo ligeiras notas de reportagem, após ter recebido as devidas honras militares, na praça Neutel de Abreu, o general Craveiro Lopes aproximou-se do monumento. Lentamente, descerrou a estátua surgindo a figura do MAHON, moldada em bronze, espada desembainhada, numa atitude de grande vigor.

No pedestal, uma legenda: À MEMÓRIA DE NEUTEL DE ABREU, CAPITÃO-MOR DA MACUANA — 1871 - 1945.

Foi este o grande momento da cerimónia. Ouviu-se o hino nacional, enquanto uma bataria de artilharia salvava com 21 tiros...

Recorda-se, assim, na eternidade do bronze, aquele homem prodigioso que conquistou para Portugal uma região quase tão vasta como a Metrópole; que fora venerado pelos indígenas como semi-deus; que entrara em dezenas de combates e rira, orgulhoso, da morte; que fizera aliança de sangue com um potentado negro; que montara postos, linhas telegráficas e telefónicas e acabara a lenda da invencibilidade do mato; homem singular que, em corpo meão, ocultava uma alma de gigante; o fundador de Nampula; o chefe temido das hordas ululantes de macuas; o MAHON, entre sobrenatural, misto de português de Quinhentos e de bandeirante setecentista; esse capitão sem medo que desafiara a fome, a sede, as caminhadas, as febres, as chuvas torrenciais e o hálito violento do sol, e deixou na História de Portugal o nome incomparável de Neutel Martins Simões de Abreu...

MANUEL FERREIRA



UM PROBLEMA DIFÍCIL

Finalmente quinta-feira. A «Veado» tornava a reunir. Conseguiria o João encontrar a ponta da meada? era a pergunta que todos os escoteiros faziam de si para si. Até que por fim, chegou a ambicionada hora.

—Mais uma vez tenho de dar a mão à palmatória,—exclamou o João quando viu aproximar-se o companheiro,—não fui capaz de achar a solução...

Todos deram um *ah!* de admiração.

—Pois é pena, —redarguiu Carlos. —O problema não é tão difícil como parece. É só pensar um poucochinho. O mais é matemática pura.

—Então diz lá a solução.

—Lembras-te do enunciado do problema? Repara que, no respeitante ao ferro, se diz que o cobre e o ouro eram respectivamente, 5/7 e 6/7 daquele metal. Partamos, pois, do princípio de que o coeficiente do ferro seria 7/7 (isto para termos como denominador, ou como termo de comparação, o 7). Só nos falta saber, assim, qual o coeficiente do estanho. Ora, se há três vezes mais ouro que estanho, o coeficiente deste será 6/7 (o coeficiente do ouro) a dividir por 3, ou sejam 2/7. Estás a compreender?

—Perfeitamente. E, se me dás licença, depois do teu auxílio, vou desfiar o problema.

E, após a anuência do Carlos, João prosseguiu:

—Temos, então, os seguintes coeficientes: ferro 7/7, cobre 5/7, ouro 6/7 e estanho 2/7, os quais, somados, perfazem 20/7, correspondendo esta expressão aos 860 gramas do metal da estatueta. Chegamos à conclusão que 1/7 vale 43 gramas (ou seja 860 : :20). Multiplicando 43 pelo coeficiente de cada metal, obteremos 301 gramas de ferro, 215 gramas de cobre, 258 gramas de ouro e 86 gramas de estanho, os quais, somados, dão 860 gramas, que demonstram que o problema está bem resolvido.

—Muito bem, com o meu lamiré soubeste ir até o fim, o que equivale a adivinhar metade, — observou Carlos, demonstrando um bom espírito de generosidade, próprio de um verdadeiro escoteiro.

—Bom, agora é a minha vez de dizer a adivinha,—disse João.

— Vamos a isso, — respondeu Carlos.

—Aí vai ela: Quando estive de férias, perguntei a um camponês se tinha muitas cabeças gado. Porém, ele respondeu-me de uma forma muito original. Disse simplesmente: «Não tenho muitas, não. Olhe, veja lá se consegue saber: apartando 9 animais, não tenho senão carneiros; mas se apartar 10 animais, fico só com cabras; e se apartar 11 animais, restam-me ùnicamente porcos». És tu capaz de dizer quantos animais de cada espécie tinha ele?

O problema é bastante curioso e, embora a princípio pareça não ser difícil, analisando bem, chega-se à conclusão de que não é bem assim.

Será o Carlos capaz de conseguir a solução? Aguardemos o próximo número e veremos se, com a ajuda dos nossos leitores, o nosso herói consegue desenvencilhar-se desta dificuldade. Os amiguinhos que ajudarem o Carlos e enviarem-nos a solução certa durante o corrente mês, receberão uma pequena lembrança.

* * *

O problema de que hoje damos a solução, foi também adivinhado pelo Víctor Venâncio, de Olhão. Foi pena que, nem mesmo com esta ajuda preciosa, João não conseguisse resolver este quebra-cabeças.

Àquele nosso Amigo olhanense enviaremos oportunamente uma lembrança.

É tempo de reacender o antigo fogo

POR Z.

«O futuro não é uma coisa feita, que basta apenas aguardar: é preciso saber criá-lo». (Michelet).

Não há necessidade nenhuma de reflectir para compreender que uma responsabilidade esmagadora pesa sobre os ombros de um movimento como o nosso. Isto é tão verdadeiro que a única razão de ser do Escotismo é forjar homens do mais puro e mais resistente metal que possa haver no momento. Dito de outra forma: filhos de Deus — nas vidas, não sòmente nas palavras — aptos amanhã a servir. Não há missão mais nobre, nem de maior responsabilidade.

Teremos nós verdadeira consciência da gravidade deste propósito? Estaremos seguros de caminhar pela melhor via para atingir esse objectivo?

Como poderá ser isso, então, se somos sensíveis aos elogios exagerados e surdos às críticas mesmo fundadas? Pouco me importa que se pretenda que o nosso método seja o melhor, se tenho a impressão de que cada um de nós o não vive integralmente e a certeza de que poderia — antes deveria — ser melhorado. Terei eu o direito de estar tranquilo desde que oiço repercutir frases de admiração que as personalidades mais eminentes, dos mais diversos sectores, votam ao Escotismo, se, pelo contrário, nos falta a coragem para fazer um balanço do NOSSO Escotismo?

Não quer isto dizer que eu subestime a obra já realizada. Não! É antes a enorme amplitude daquilo que há para fazer que alimenta a minha impaciência. E também a perigosa heterogeneidade dos grupos que devemos conduzir ao combate.

Não há dúvida nenhuma que um bom número daqueles que passaram pelas nossas fileiras nos têm deixado não só fisicamente — o que é inevitável — mas também moralmente — o que é muito grave. Outros, porém, ficam filiados pela linguagem — ainda que por eclipses — e não pela alma.

Ora é preciso ter a coragem de olhar de frente esta situação explicável, segundo me parece, de duas únicas maneiras. Será que o nosso ideal, à semelhança das lendas, não poderá encontrar eco senão no coração dos rapazes? Será que tenhamos praticado uma política de quantidade em prejuízo da qualidade? Se a primeira hipótese é verdadeira, somos uns embusteiros, procedemos tal como a rã que quis ser tão grande como o boi. Isto não é, felizmente, crível, mas, a dar-se, deveríamos cessar imediatamente as nossas actividades. A segunda, plausível, mas também mais triste, é que tenhamos dispensado mais interesse ao uniforme do que ao espírito, organizando um desfile de manequins «para inglês ver». Convém pôr fim a esta atitude o mais brevemente possível.

Lembremo-nos do que diz o Evangelho: «Uma boa árvore não pode produzir maus frutos, nem uma má árvore produzir bons frutos. Toda a árvore que não dá bom fruto *«CORTA-SE E LANÇA-SE AO FOGO»*.

Não há texto mais claro. Não é possível qualquer equívoco.

Ser escoteiro não é fazer parte de um clube. Nós não temos regulamentos, mas uma lei. Só são portanto dos nossos, não aqueles que se submetem a esta, mas ùnicamente aqueles que a vivem intensamente, se possível sem qualquer falta.

É no mesmo Evangelho, evocado a toda a hora, que lemos: «Nem todo o que diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus».

É preciso que não sejamos resignados, mas entusiastas. O entusiasmo deve ser mesmo a atitude que mais se evidencie em nós. Se admitirmos nas nossas fileiras aqueles que se contentam em estar fria e indiferentemente no Movimento, estaremos certos de que não deixaremos desenvolver sob os nossos olhos o vírus que, levando num instante a ancilose aos únicos membros, não tardará, sùbitamente, a extinguir a vida do próprio organismo?

Por essência, o Escotismo é apolítico. Isso, porém, não deve impedir que possamos escutar uma grande voz que, em 10 de Junho de 1953, afirmava: «É tempo de reacender o antigo fogo e prosseguir o caminho». Creio que nenhuma frase pode resumir melhor o dever dos escoteiros lusitanos neste momento. Isto implica para cada um de nós um exame de consciência leal e total. Não podemos, portanto, hesitar em abandonar certos caminhos reconhecidos como rotineiros e ter a coragem de assumir o risco de enveredar por outros, a caminho do futuro.

Feito isto em primeiro lugar — porque a caridade bem ordenada

(Conclui na 12.ª página)

Se calhar não sabe que...

A OBSERVAÇÃO de crânios pré-históricos revela que a trepanação é a operação cirúrgica mais antiga que se conhece, a qual era praticada, crê-se, por meio de lâminas feitas de quartzo, para tratamento tanto de fracturas como de outras afecções cranianas. Alguns historiadores sustentam, contudo, que a operação ao crânio era efectuada sòmente com intuitos religiosos.

A GRANDE MURALHA DA CHINA, considerada a oitava maravilha do Mundo, foi mandada erigir pelo imperador Shi-Hwang-Ti. Tem mais de 2.800 km. de extensão e a altura das suas muralhas varia entre 9 e 20 metros e demorou 11 anos a construir.

CERTOS ANIMAIS passam a estação invernosa no estado de letargia, ou seja uma forma de resistência a condições muito desfavoráveis à conservação da vida. Os animais que se servem deste estratagema, chamemo-lo assim, para sobreviver, permanecem meses em completa inércia; em muitos casos, o coração chega a afrouxar, consideràvelmente, o ritmo das pulsações.

O MELINDROSO PROBLEMA, que culminou com a criação do Estado de Israel, já subsiste há mais de meio século. Dada a incompatibilidade existente entre Judeus e Árabes, sabia-se que a imigração dos Sionistas para a Palestina, iniciada no declinar do século XIX, viria causar crises agudas naquela região do Próximo-Oriente. Foi por este motivo que, em 1905, Chamberlain ofereceu aos Judeus a possibilidade de criarem um «Lar Judaico» na África Oriental, proposta que eles rejeitaram por só desejaremestabelecer-se nos territórios que constituíam a sua antiga pátria. E assim, o problema continua, neste ano de 1956, à procura de uma solução que não se consegue encontrar...

• • o • •

«ECOS DE BELÉM»

Em 24 de Agosto p. p., faleceu a sr.ª D. Maria Antónia Vieira, mãe do sr. António Vieira e avó do sr. Custódio Baptista Vieira, respectivamente, editor e director do nosso prezado colega «Ecos de Belém».

A toda a família em crepes, e em especial, a estes nossos estimados amigos, apresentamos a expressão do nosso muito sentir.

(Conclusão da 1.ª página)

à verdade. Todos sabemos que não há um escotismo cristão e outro judeu ou muçulmano. Existe, sim, escotismo praticado por cristãos, por muçulmanos, judeus, confucionistas, etc., etc., sem deixar, para isso, de ser o mesmo escotismo, sem perder, por isso o carácter universal e uno e as extraordinárias faculdades pedagógicas.

Siga cada qual, com todo o entusiasmo e devoção de que for capaz, as suas convicções, os seus credos. Porém, não se aproveite a maleabilidade do escotismo de B.-P. para se cavar barreiras e apontar diferenciações. Isto equivale, afinal, a um afastamento do verdadeiro escotismo...

Que tais desenfreados fervores não produzam em nós, escoteiros, delectérias manifestações destruidoras daquilo que de mais belo e sublime possui o nosso Movimento: a união e fraternidade existentes em toda a grande Família Escotista Mundial.

MEMÓRIAS DE TIMOR

I

Dias depois de ter chegado àquele posto, em Tutuala, no extremo leste da ilha *verde e vermelha* cantada por Camões, andava Belchior percorrendo a sua área, a fim de tomar conhecimento dos seus problemas. Ao chegar a uma colina, julgou estar diante de uma paisagem de sonho. Habituado a ver, nos cinemas, os panoramas delirantes das ilhas dos mares do sul, não supunha, todavia, que fossem tão belos na realidade.

Em baixo, na praia de areias morenas, curvavam-se sobre a babugem das ondas os troncos dos coqueiros, esguedelhando as suas palmas. Das próprias águas emergiam as copas escuras do mangal. Do infinito azul e translúcido escorriam catadupas de luz, que cobriam o oceano de um manto refulgente de pedrarias. As montanhas ofereciam os mais diferentes tons de verde, salpicados de vermelho intenso das acácias rubras em floração.

Em frente, no mar imenso e tranquilo, estendia-se um friso de ilhas: Wetter, Quissar, onde se admiram ainda os restos de uma fortaleza nossa, Letti, Roma e outras, algumas das quais já pertencentes ao extenso arquipélago das Molucas. Perto, separado da ilha de Timor por um estreito canal, uma mancha verde e quase plana — o ilheu do Jaco, limite oriental de Portugal no Mundo.

Belchior ficou extasiado. Então, um velho, de nome Tchai Natchino, aproximou-se e disse-lhe:

— Senhor chefe, há muitos, mesmo muitos anos, que um navio entrou naquele canal. Um senhor comandante, que estava então aqui, desatou aos tiros e o navio fugiu. Era muito grande.

Belchior supôs tratar-se de qualquer acontecimento, cuja descrição o timorense deturpava. E perguntou-lhe:

— Ouve lá, Tchai Natchino, tu viste isso que estás a dizer?

— Não, senhor chefe. Foi um homem da minha povoação que me contou o que se havia passado.

O chefe do posto ficou pensativo. Que teria havido? Quando? Sim, porque, embora com algum exagero ou deformação, alguma coisa de anormal, e quem sabe se de heróico, teria sucedido.

Dias depois, um tenente reformado, que ficara preso em Timor aos encantos da terra — dessa terra aliciante que também apaixonara o poeta de fina sensibilidade que fora Alberto Osório de Castro — depois de uma carreira brilhante nas armas, em que se batera ao lado do grande governador Celestino da Silva, passou por Tutuala. Recebido, afàvelmente, por Belchior que, apesar de tudo, detestava o isolamento, o velho colono, senhor Afonso, começou a desfiar as suas recordações, em que avultavam combates, cortes de cabeça — a que assistira e não se pudera opor — assaltos a *tranqueiras*, (1) caminhadas exaustivas e emboscadas perigosas, e *loroçais*, (2) frenéticos, com pontapés às cabeças decapitadas. Ao falar, o senhor Afonso dir-se-ia rejuvenescer. Parecia ter ainda nos olhos as escaladas alucinantes, o colorido dos trajos dos *moradores* (3) e das bandeiras nacionais, ondulando ao vento, azuis e brancas ou verde-rubras, manchadas de pólvora e mordidas pelo sol violento de Timor.

Logo que houve uma pausa na narrativa apaixonada do velho colono, Belchior, que nunca esquecera as palavras surpreendentes de Tchai Natchino, perguntou:

— O senhor tenente, que conhece bem a História desta ilha maravilhosa, certamente sabe se aqui, em Tutuala, se deu um incidente com algum navio.

O senhor Afonso pensou um tanto. Belchior auxiliou a memória do antigo companheiro de Celestino:

— Devia ter sido há bastantes anos. O caso deve ter-se dado no canal do Jaco...

— No canal do Jaco? — exclamou, vivamente, o velho colono — Sim, agora lembro-me perfeitamente.

E o senhor Afonso, escutado com a maior atenção pelo chefe do posto, começou a contar.

II

Foi durante a primeira grande conflagração mundial. Portugal conservava-se ainda neutro, pois só depois o Império Alemão nos declarou guerra. Encontrava-se colocado neste posto, como comandante, um sargento de apelido Baptista, homem valente como as armas, quando, certa manhã, lhe vieram dizer que, no canal que separa o ilhéu do Jaco da ilha de Timor, tinha entrado um grande navio, com enormes peças.

Baptista depreendeu, imediatamente, que se tratava de um vaso de guerra. Não vacilou. Colocou ao ombro a espingarda, levou a bandeira nacional e, por montes e vales, desceu a encosta que o levou à praia. Ali, tomou um *beiro*, (4) a cuja proa colocou a bandeira, símbolo da Pátria, simultâneamente tão próxima e tão distante, que ele, sargento Baptista, comandante do posto de Tutuala, representava agora.

No canal, um enorme barco de guerra impunha, com ar agressivo, a sua insólita presença. O intruso era um monstro de aço, cujas peças pareciam respirar ameaças. À proa, ondulava a insígnia de guerra alemã. No costado, Baptista leu o nome do navio.

Era o «Endem», vaso de guerra famoso pelo seu arrojo, a sombra negra, o pesadelo da marinha inglesa. Com esse adversário, teria de se haver o sargento Baptista, dispondo apenas de uma espingarda velha, que nada valia para defender os sagrados direitos de Portugal, que exigia todos os sacrifícios.

O comandante do posto de Tutuala, forte na sua razão, nada temia. Assim, chegou à vista do cruzador. De bordo, desceram a escada. Sobraçando a espingarda, o sargento Baptista declarou, por acenos, que desejava entender-se com o comandante.

Recebido amàvelmente, o português falou ao comandante Müller, ao que parece, por intermédio de um oficial que, tendo estado no Brasil, conhecia um pouco o português. Em termos enérgicos, embora respeitosos, expôs as suas razões:

— Senhor comandante, o seu navio está no canal Jaco, em águas portuguesas. Ali é a ilha de Timor, que pertence a Portugal. O meu país não está em guerra com a Alemanha e é, há muitos anos, aliado da Inglaterra. Por isso, se o seu navio se demora aqui, como a Alemanha está em guerra com a Inglaterra, pode haver para nós alguma complicação. Se fosse tempo de paz, eu até convidava o senhor comandante e os oficiais a virem almoçar no posto de Tutuala, no que teria o maior prazer. Agora, só o que lhe peço é que se vá embora depressa.

O comandante Müller, distinto oficial da marinha germânica, sorriu-se, ao ouvir as palavras enérgicas do sargento Baptista. Diante de algumas cartas marítimas, conferenciou com os seus oficiais.

Pouco depois, ouviu-se um toque de clarim. O sargento Baptista, embora valente, sentiu um arrepio percorrê-lo. Que se iria passar? A marinhagem do Kaiser perfilou-se. As baionetas rebrilharam ao sol. As peças ribombaram. Então, o sargento Baptista sentiu que dos seus olhos tombavam lágrimas de orgulho patriótico ao ver subir no mastro, ondulando ao vento, as cores verde e vermelha da bandeira portuguesa.

(Conclui na 11.ª página)

ERA UMA VEZ UM LOBITO...

Todos os dias nós reuníamos na sede. A minha Patrulha era a melhor do Grupo e eu, como guia, tinha grande orgulho nisso.

Por vezes, a reunião dos lobitos coincidia com a nossa. Foi num desses dias que eu o vi pela primeira vez...

Era um lobitozinho pálido e triste, seis anos o máximo, com uns olhos muito tristes. Para todos os rapazes do Grupo, ele tinha qualquer coisa de diferente. Os miúdos corriam pela sede fora deitando tudo abaixo e ele ficava sempre junto da janela, alheio aos jogos e brincadeiras, a pensar, enquanto nos seus olhos se reflectiam as colinas verdejantes, as flores e o sol.

Nem eu sei porquê, afeiçoou-se a mim... Eu tentei corresponder àquela amizade nascida num coração tão pequenino e tentei fazer com que aprendesse a fazer nós, coisa que ele nunca aprendeu. Segurava a espia com as mãozitas e, quando eu lhe pedia uma prova, arrasavam-se-lhe os olhos de lágrimas por a não saber fazer.

Nos acampamentos, escapulia-se da sua tenda e corria para a minha, desobedecendo à Akelá Vigilante, só para estar junto a mim. E então, agarrando a minha mão com a sua mãozita, num ciciar, dizia: — «Guia, eu queria ser um bom lobito, mas não sou capaz de fazer um nó...». Meigo e pequenino lobito! Ele era realmente meu amigo!

Depois, afastei-me do movimento escotista. Ingratamente, esqueci os bons companheiros, os bons momentos, o amiguinho; perdi muitos domingos junto de maus rapazes, entretido em bailes com namoradas que arranjava e que só serviam para deixar mais vazio o meu coração de rapaz.

Até que um dia, uma foto num jornal me despertou a atenção; num momento chegaram até mim cânticos estranhos, remorsos dispersos e enevoados me amarraram à cadeira onde estava sentado e me fizeram quedar sem um movimento. O pequeno lobito morrera tão suave, meigo e obscuro como o adeus de uma flor.

Fui vê-lo... Os seus olhitos fechados pareciam falar ainda de acampamentos, correrias pela floresta, canções escotistas entoadas nas noites de luar... O seu rosto de criança trazia recordações distantes de um mundo ausente, gentis colóquios com as árvores, tropeções alegres nos esticadores das tendas, mudas confidências feitas aos regatos da montanha...

Por muito tempo fiquei assim, estático e silencioso, encostado à ombreira da porta, contemplando o pequenino lobito imóvel para sempre, pequeno grande homem mergulhado no sonho maravilhoso, parecendo um pequenino embrulho.

Desci lentamente a escada, apertando o corrimão nos dedos convulsos. Qualquer coisa amadurecera dentro de mim. Eu já não era o guia que dirigia e ensinava nós, que ensinava os lobitos a saltar ao eixo sem tocarem uns nos outros e tinha difíceis insígnias nos braços. Nesse momento, palpitava no meu peito o meu coração de rapaz e de amigo; do amigo que queria chorar a morte do amiguinho que Deus lhe dera para lhe tornar a tirar. Não pude mais suster as lágrimas e elas brotaram dos meus olhos; nunca as sentira tão pesadas, tão salgadas, correndo pelo rosto assim...

* * *

Voltei a ser escoteiro. E, às vezes quando num acampamento cessam as vozes para haver só o silêncio que tudo envolve, olho os rapazes da minha Patrulha que começam a adormecer e penso no pequenino amiguinho pálido e sempre triste, que está hoje no céu transformado numa Flor de Lís doirada pelo sol...

E parece-me sentir como outrora, tacteando na escuridão, uma mãozita agarrar na minha e uma voz distante, num ciciar, dizer-me assim: — «Guia, eu queria ser um bom lobito, mas não sou capaz de fazer um nó...».

JORGE ADOLFO CIERCO



Maneiras de dizer

I

Certo dia, Paulo precisou de dinheiro para tomar parte numa actividade do seu grupo e dirigiu-se ao pai:

— Paizinho, venho pedir-lhe um favor...

— Dize lá, Paulinho. Se to puder fazer, podes contar com ele.

— Precisava de vinte escudos para tomar parte no acampamento do grupo.

O senhor Messias — que assim se chamava o pai de Paulo — respondeu:

— Olha, pequeno. Vieste em muito má ocasião, porque estamos no fim do mês. Mas alguma coisa se há-de arranjar. Ora espera...

O senhor Messias foi ao sótão e voltou, daí a momentos, com um livro velho.

— Toma lá. Tens aqui este livro que não tem para mim interesse nenhum, pois possuo duas edições muito melhores. É datado de 1860. Vais a um alfarrabista que, certamente, te dará, pelo menos, os vinte escudos de que precisas. E com esse dinheiro já tu não faltas ao teu dever de escoteiro.

Paulo agradeceu, muito penhorado, a dádiva do pai. Ao passar por um alfarrabista, entrou. O dono do estabelecimento, o senhor Salomão, acercou-se, solícito:

— Que deseja o meu amiguinho?

Paulo, pouco habituado a fazer compras ou vendas, respondeu:

— Tenho aqui um livro antigo para vender. Talvez ao senhor interesse...

— Deixe ver.

O escoteiro mostrou o volume. Salomão tirou dum estojo de lata, um tanto imundo, os óculos, e observou, minuciosamente, a obra. Terminado o exame, encolheu os ombros:

— O livro tem pouco interesse. Tenho a loja cheia disto...

Paulo, retorquiu:

— Mas veja que é um livro antigo:

— Antigo? — exclamou Salomão — Nem por isso... É de 1860. *Ainda não tem cem anos.* Quanto quer por ele?

(Conclui na 10.ª página)

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Casamento — Em 1 de Maio p. p., realizou-se o casamento do nosso prezado assinante Sr. José Maria Bento Afonso, antigo escoteiro do grupo n.º 94, com a sr.ª D. Maria Matilde da Silva Teixeira Damásio. Aos noivos, auguramos as maiores felicidades.

Nascimento — O lar dos nossos estimados amigos sr. Pedro Vital Barbosa e de sua Esposa, sr.ª D. Susana Gisela de Brito Barbosa, respectivamente secretário do Grupo Pedro Álvares Cabral e chefe da alcateia do mesmo Grupo, encontra-se em festa pela chegada em 6 de Setembro p. p., dos seus primogénitos: um lindo casalinho de gémeos.

Aos felizes pais e aos futuros lobito e fadinha do «Pedro Álvares Cabral», «Sempre Pronto» deseja as maiores felicidades.

P. BREITTMAYER FALA SOBRE:

A Acção do Guia de Patrulha

1.º—A tua patrulha é um espelho... de multiplicação: faz uma careta e ela reflectirá sete; da mesma forma, por um sorriso, receberás sete.

Um dos processos mais eficazes de conseguir o êxito escotistamente falando, é o de conservar o bom-humor. Realmente, é inconcebível um grupo de escoteiros pessimistas, irritadiços, indispostos uns com os outros. O optimismo é uma grande arma. Basta às vezes, um sorriso, um gracejo, para desanuviar um ambiente, para levantar ânimos enfraquecidos.

Conta-se que, na campanha do Egipto, os soldados franceses conseguiram pôr em debandada os Mamelucos, quando uma ordem de Friant provocou riso geral nos soldados. «Façam quadrado — gritou o militar—e coloquem os burros e os sábios ao meio». Os Mamelucos, julgando-se traídos, fizeram uma retirada geral.

O bom-humor é uma grande arma. É por isso que, na Lei do Escoteiro, se regista: «O Escoteiro sorri e assobia perante as dificuldades». Baden-Powell não esqueceu esta grande alavanca para resolver problemas.

Um sorriso, acompanhando um gesto caritativo, transmite felicidade. Como lemos algures, proporciona alento ao fatigado, alegria ao que está triste, e nada custa a quem o oferece.

O guia de patrulha deve transformar a vida da sua patrulha numa sucessão de aventuras cheias de vida, interesse e alegria.

2.º—Confiámos-te sete rapazes. O teu papel é fazer deles uma EQUIPA VITORIOSA.

Nem sempre são vitoriosos aqueles que vencem uma peleja, uma contenda ou conseguem alcançar determinado objectivo.

Nas corridas desportivas, o último classificado recebe, às vezes, mais prémios do que muitos que chegaram à frente. Há nisto muito mais justiça do que à primeira vista parece. É que o popularmente chamado «lanterna vermelha» tem de vencer, além da distância a cobrir, o desânimo, a carência de recursos físicos e técnicos e, tantas vezes, o escárneo proveniente da má formação desportiva das turbas.

A tua patrulha terá de ser vitoriosa, mas isto não quer dizer que ganhe todos os concursos, que vá à frente em todas as provas, que conte com os escoteiros mais cotados tècnicamente. A tua patrulha será vitoriosa se se dedicar, com afã, a um trabalho de aperfeiçoamento para atingir essa posição privilegiada; se intensificar, entre os componentes, o espírito de patrulha, ou seja, a amizade, a confraternização, a cooperação, a harmonia, a solidariedade; se, enfim, cada um dos escoteiros caminhar mais intimamente harmonizado com os deveres assumidos pelo Compromisso de Honra e com os princípios exarados na Lei.

Se, no altar do coração, sentires que a tua patrulha alcançou estes resultados, podes estar certo de que ela é, sem qualquer dúvida, uma boa patrulha, uma patrulha vitoriosa.

3.º—Fazer observar, fazer compreender, fazer experimentar, são as espécies de oportunidades que a vida escotista deve fornecer à inteligência do rapaz

O escotismo, já temos ouvido dizer, é a escola do exemplo. E até no aspecto técnico este axioma tem cabimento, pois o dirigente não deve mandar executar trabalhos que ele próprio não os saiba executar ou ainda não tenha feito. Contudo, o melhor processo de ensino, em escotismo, é estimular o rapaz a actuar voluntàriamente, provocando interesse, entusiasmo.

Breittmayer, continuando a sua exposição, afirma: «Não ensines os nós aos escoteiros por meio de um desenho ou das gravuras de um manual; pega numa corda, executa e faz-lhe *ver* o que tu fazes; faz-lhe *comprender* como tu o fazes e dá-lhe a corda para as mãos para que ele, por sua vez, *experimente* se o sabe fazer».

Na tua missão de guia de patrulha, terás de ir sempre em primeiro lugar. O êxito do teu trabalho dependerá, pois, da forma como souberes incutir no espírito dos rapazes que te estão confiados o desejo de colaborar contigo e de elevar o nome da patrulha. Para isso, tens de ouvir os conselhos de teu chefe, de organizar os programas de actividades da patrulha e teres em atenção as palavras de B.-P. quando falava dos *teus* rapazes:

«Deveis procurar torná-los a a todos (os rapazes da patrulha) razoàvelmente bons. O meio mais eficaz de o conseguir é o vosso próprio exemplo, porque o que vós mesmo fizerdes os vossos escoteiros farão também.

«Mostrai-lhes que sabeis cumprir ordens, quer sejam dadas verbalmente, quer sejam impressas ou escritas, e que as executais, quer o chefe esteja presente ou não. Mostrai-lhes que podeis alcançar distintivos de especialidades e os vossos rapazes irão atrás de vós sem precisardes de os convencer. Mas lembrai-vos de que os haveis de guiar e não empurrar».

JOEL RIBEIRO

GRUPO DA IGREJA DAS CHAGAS

A propósito da notícia de quatro linhas que publicámos no último número, dizendo ter sido dissolvido este Grupo, facto absolutamente comprovado, escreve-nos o Grupo n.º 85 uma longa carta, assinada pelo presidente da Direcção, assinatura ilegível, na qual pretende esclarecer aquela notícia. Não podemos transcrever a carta porque é muito longa, e o assunto não tem importância para ocupar tanto espaço, mas a mesma informa que o Grupo 85 foi solicitado para patrocinar a possível criação de um grupo de escoteiros marítimos, e acrescenta, entre parêntesis, *mistos*, naquela igreja, mas que acharam conveniente fundar apenas uma Secção do Grupo 85, para que, quando a secção tivesse «*atingido a maturação própria*», viesse a constituir um novo agrupamento.

O Grupo 85 verificou mais tarde que havia conveniência em dissolver ou extinguir a referida Secção, o que fez, transitando os elementos componentes para a Sede.

Diz ainda aquela carta que estão decorrendo negociações para fazer transferir aqueles elementos para outra unidade mais próxima.

Embora as coisas se não tenham passado assim, nada disto altera o que foi dito no nosso último número. Já não existe nem Grupo nem Secção de Escoteiros na Igreja das Chagas, o que sinceramente lamentamos.

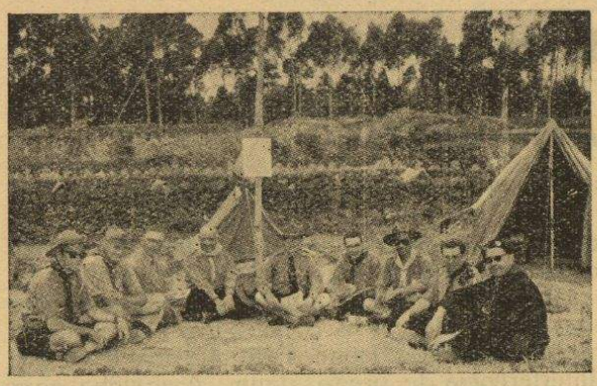
O caso estava, portanto, esclarecido se a carta a que nos vimos referindo não contivesse a insinuação de que a notícia por nós publicada *não corresponder à verdade dos factos, podendo depreender-se, pela forma curiosa como está redigida, que qualquer paixão, menos conforme o espírito escotista, lhe deu origem.*

Ora a *paixão* que podemos ter no caso, é a tristeza de verificarmos que, uma vez mais, o Escotismo saiu desprestigiado pela actuação de elementos que se introduzem no Movimento Escoteiro sem a capacidade moral indispensável para Dirigentes, de que resultam fracassos como aquele da Igreja das Chagas. Continuaremos a ter a *paixão* de ver o Escotismo *limpo* de tais dirigentes, para que se não percam oportunidades como aquela, visto que se se tivesse procedido com critério na escolha do chefe daquela nova unidade, poderíamos ter hoje mais um grupo de Escoteiros, com a nota tão interessante de estar anexo a uma igreja católica-romana, visto que a nossa Associação não possui nenhum grupo nessas condições.

Se o que acharam curioso foi o termos dito *intitulado marítimo*, devemos dizer que também nós achamos muito curioso, para não dizer ridículo, que se imagine que um grupo de escoteiros é marítimo sòmente porque os seus componentes vestem vistosos uniformes náuticos ou seja o caso daquela secção do grupo 85.

E temos dito.

O 1.º «Jamborette» Açoriano



Os organizadores do acampamento:
Chefe Amorim (CNE-BA4); Chefe Sperling (Americano); Sr. Samuel Amorim (da J. Regional de Ponta Delgada-CNE) Pe. Cota Vieira, Chefe Gr. P. Vitória-CNE; Chefe Moniz Silva-Gr. 52 AEP (Chefe de Campo); Pe. Lino, Capelão BA4; João S. Ávila (Cam.º) Chefe subcampo AEP; Weber Machado, Chefe Grupo Seminário Angra -CNE; P.e Dr. Cunha Oliveira, dirigente Grupo Seminário Angra.

Conforme anunciámos, realizou-se de 3 a 11 de Agosto passado o 1.º acampamento regional dos Açores, no qual participaram os seguintes Grupos:

N.º 1 - Boy Scouts of América, Lajes, Terceira. Chefe de Contingente - Fritz Pfinsgsten. Adjunto - Charles Sperling.

N.º 52 dos Escoteiros de Portugal. Angra do Heroísmo. Chefe do Contingente - João S. Ávila. Adjunto - Norberto B. Borba.

Agrupamento do C. N. E. da Praia da Vitória. Chefe do Contingente - Padre Luís Cota Vieira. Adjunto - Armando Martins.

Clã do Seminário de Angra. C. N. E. Chefe do Contingente - Weber Machado.

Agrupamento da B. A. 4 (N. S. do Ar) - Chefe do Contingente - António Pádua da Silva Amorim.

Grupo n.º 52 do C. N. E. Ponta Delgada. Chefe do Contingente: Samuel da Silveira Amorim.

O Chefe de Campo foi o dedicado dirigente do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal e nosso dedicado correspondente em Angra do Heroísmo, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva. Já publicámos no último número os nomes da Comissão Organizadora.

A abertura solene do acampamento

O acampamento realizou-se na Quinta do Rolo, Terra Chã, e foi aberto solenemente no sábado, dia 4, à tarde, com a presença do Senhor Bispo Eleito de Tiava, representando o Senhor Bispo Coadjutor de Angra; os Sr. Dr. Sousa Meneses, Governador do Distrito; Diogo de Meneses Ávila, Presidente da Câmara da Praia; Dr. Henrique Brás, Conservador do Registo Civil; Capitão Dr. João Meneses, Director do Hospital da Terra Chã.

Encontravam-se também em campo todos os escoteiros que representavam os diversos agrupamentos.

O Chefe Moniz Silva fez o discurso inaugural, saudando as autoridades presentes e mais convidados, fez o elogio do Escotismo como movimento educativo de altos ideais e referiu-se ao Acampamento e à projecção que ele certamente teria na juventude açoriana. Terminou com as seguintes palavras:

«Escoteiros da Terceira e dos Açores: Benvidos sejais! Que o vosso Ideal progrida, que os vossos efectivos aumentem, que seja feliz a vossa estadia no 1.º «Jamborette» Açoriano, aqui na Terra Chã, nesta Ilha Terceira de Jesus Cristo, terra de heróis, guerreiros e navegadores; berço do Beato João Baptista Machado, ponto de paragem para as naus de antanho, transformada na Terceira de 1956 em ponto de passagem para as grandes aeronaves das Nações Unidas, terra de tradições, a Ilha Lilás dos Poetas!

(...) «Da Terceira do passado para a Terceira do presente, deste salão de visitas dos Açores — como amàvelmente já tem sido chamada por visitantes ilustres, — saúdo-vos a todos fraternal e efusivamente, desejo-vos um alegre e bom acampamento, de elevado nível escotista, e declaro aberto este primeiro Fogo de Conselho do 1.º «Jamborette» Açoriano!».

O Chefe Moniz Silva dirigiu ainda em língua inglesa uma saudação aos escoteiros americanos presentes, na qual manifestou a satisfação dos escoteiros portugueses em poderem confraternizar com os seus irmãos do Escotismo Americano.

Após este acto, procedeu-se ao içar das bandeiras nacionais das duas nações, portuguesa e americana. Ao toque de sentido, as bandeiras subiram no céu açoriano, ouvindo-se os hinos português e americano.

Depois da bênção solene do acampamento e do Hino dos Escoteiros, o clarim marcou o ritmo de um desfile. Primeiro, os americanos, depois, os portugueses passaram em continência frente às autoridades. Depois destas cerimónias, as autoridades e convidados visitaram os diversos subcampos, interessando-se pelos trabalhos dos escoteiros.

Durante os dias de acampamento, enquanto os escoteiros se ocupavam nos trabalhos de campo e em excursões aos pontos mais pitorescos da Terceira, os dirigentes reuniram-se e foram apresentadas interessantes teses, em cujos trabalhos colaboraram os sacerdotes católicos presentes.

No dia 10, foi encerrado o acampamento, com interessante fogo de conselho, com lindas canções, episódios cómicos, recitativos, no qual participaram todos os grupos acampados.

O fogo abriu com breves palavras do chefe Moniz Silva, depois do que foi apresentado um ritual de abertura do fogo de conselho. *Autênticos peles-vermelhas* dos Açores deram brilho ao acto, que despertou muita curiosidade no público que assistia.

O sr. tenente Luís Ferreira Drumonde, secretário do grupo da Base aérea n.º 4, falou aos escoteiros acerca da organização do acampamento.

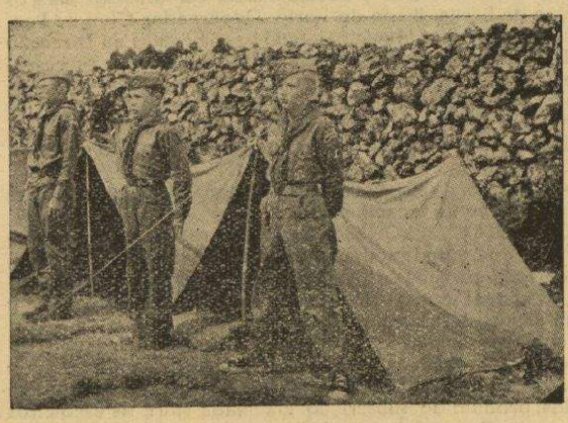
O fogo de conselho foi encerrado pelo chefe Moniz Silva, com um sentido discurso de despedida, no qual saudou todos os escoteiros e afirmou a sua gratidão pela cooperação que em todos encontrou. Exortou os escoteiros a manter na vida o espírito de fraternidade e mútua compreensão que existiu no acampamento e fez votos para que todos se pudessem encontrar novamente noutras actividades semelhantes ao presente «Jamborette».

Os escoteiros das três associações ratificaram depois a promessa escoteira e, com a Canção do Adeus, terminou o Acampamento que constituiu uma boa jornada do florescente escotismo açoriano.

No dia 11, começou a desmontagem do campo, seguindo os escoteiros para as suas terras.



Cerimónia de içar as bandeiras nacional e americana, no acampamento.



Um pormenor do campo americano, durante a inspecção diária.

Secção de Livraria

Livros escotistas, edições portuguesas, brasileiras, francesas e suíças. À venda na Redacção do «Sempre Pronto». Recomendamos:

Escutismo para rapazes	20$00
Sistema de Patrulhas de Roland Philips	6$00
Para ser Escoteiro (preço para Escoteiros)	3$00
Sempre Pronto, Manual de 2.ª classe .	5$00
Guia do Chefe Escoteiro, de B. P. ...	8$00

Durante este mês os livros escotistas encontram-se em exposição e venda na Casa Ângulo, Rua da Prata, n.º 148 em Lisboa.

Os nossos assinantes da Província, Ilhas e Ultramar, podem beneficiar da nossa Secção de Livraria fazendo-nos as suas encomendas de livros de qualquer edição ou natureza literária, que serão prontamente executadas.

Pedidos pelo correio ou pelo Telef. 636607.

O X Acampamento Nacional do C. N. E., realizado em Avintes, proporcionou uns dias de intensa actividade escoteira e de excelente propaganda do Movimento

O ASPECTO DO ACAMPAMENTO

(Do nosso correspondente no Norte, Chefe Vidal V. Santos)

Quem tivesse visitado a Quinta de Fiães, em Avintes, durante os dias 17 a 27 de Agosto, teria ficado surpreendido com a grandiosidade desse terreno e com a improvisada cidade de lona, onde se realizou o X Acampamento Nacional do C. N. E., também denominado II Jambori Português. Nessa cidade de lona, de cujo conjunto ressaltavam as mais variadas cores e os mais atraentes motivos, encontraram-se escoteiros de diversas nacionalidades em fraternal convívio com os escoteiros portugueses.

Descrever tudo o que ali se desenrolou torna-se impossível. Desde a abertura oficial até o encerramento, viveu-se ali o prazer da vida ao ar livre, improvisando-se os mais variados motivos para que os campos revelassem a todos os visitantes a arte que os escoteiros possuem e são capazes de realizar.

A abertura oficial deste acampamento foi feita no dia 19 perante individualidades militares, civis e religiosas e com a presença de inúmeras pessoas que se deslocaram àquele local para assistir à cerimónia.

O CONTINGENTE DA A. E. P.

A A. E. P., que havia sido convidada para tomar parte no acampamento, fez-se representar pela sua Região do Norte, à frente da qual se encontra, como delegado dos Serviços Centrais, o sr. com.te Coutinho Lanhoso. Esta representação, composta de 3 patrulhas de 7 elementos cada uma, esteve acompanhada por vários dirigentes, os quais, num gesto de verdadeira dedicação escotista, seguiram os trabalhos desde o primeiro ao último dia. Pode orgulhar-se a A. E. P. da forma como foi ali representada, pois o campo dos escoteiros do Norte, tornou-se a atracção de inúmeras pessoas que, ao sair, comentavam satisfatòriamente aquilo que haviam presenciado.

Não vamos enaltecer a obra, para que a nossa atitude não seja interpretada como vaidade, tanto mais que fizemos parte do contingente, mas, num acto de verdadeira justiça, não podemos deixar de afirmar que o aspecto de sabor escotista do nosso campo revelou o desejo de que a A. E. P. não saísse diminuída desse acampamento.

A entrada era característica: sobre a fachada, um telhado feito com palha, ao centro do qual se via uma grande flor de lis. A porta, giratória, tornou-se uma atracção para toda a gente, pois muitas pessoas giravam nela mais do que uma vez em vista do prazer que isso lhes proporcionava.

Logo à entrada, uma larga avenida, a que foi dado o nome de «Avenida Comandante Tenreiro», desembocava numa larga praça — a «Praça da A. E. P.» — onde se encontrava, feito com musgo verde, o mapa de Portugal, assinalando-se com um galhardete o local do acampamento, e, com bandeiras de pequenas dimensões, as cidades de Lisboa e Porto, bem como o relevo da Serra da Estrela, conjunto que atraiu muito a atenção dos visitantes.

Ao lado, uma grande parada, que recebeu o nome de «Comandante Coutinho Lanhoso», onde desembocavam diversas ruas que ostentavam os nomes de dirigentes do Norte, presentes no acampamento, assim como de dirigentes do Sul que tiveram a gentileza de nos visitar.

A sala de jantar estava armada junto da cozinha, com lugar para todos os escoteiros. Era composta de duas mesas feitas com troncos de árvores e espias, sem a interferência de prego algum. A cozinha, com o guarda-loiça típico dos escoteiros, dava ao conjunto uma nota alegre, com os utensílios próprios e necessários para a confecção dos belíssimos pratos que ali se cozinharam.

Ao fundo do campo, a casa de banho, com o respectivo chuveiro, completava este conjunto, onde quase 30 rapazes viveram dias inesquecíveis ao ar livre dos campos.

No centro da Praça da A. E. P., estava o mastro de campo com a bandeira nacional, ladeada com os galhardetes dos grupos que ali estavam representados.

Grande alegria e óptima camaradagem reinaram neste acampamento, as quais nem a chuva, por vezes bastante intensa, conseguiu esmorecer.

A CERIMÓNIA DE ENCERRAMENTO

A cerimónia de encerramento foi feita no dia 26, à tarde. Milhares de pessoas se misturaram com os escoteiros e se contagiaram com a sua alegria.

Em todas as cerimónias oficiais esteve presente o com.te Coutinho Lanhoso, delegado da A. E. P., que, na cerimónia do encerramento, ofereceu ao C. N. E., como preito de boa camaradagem, uma linda caravela em filigrana, gesto que surpreendeu a Direcção do C. N. E. pela sua espontaneidade.

A A. E. P., como atrás foi dito, pode orgulhar-se da sua representação neste acampamento, pois a tarefa entregue aos seus colaboradores no Norte foi desempenhada com a dedicação necessária, numa demonstração clara de que os Serviços Centrais podem confiar plenamente nos dirigentes que colocaram à frente das unidades desta Região.

VIDAL V. SANTOS

VISITANTES DO ACAMPAMENTO: — Além das individualidades já referidas, visitaram o acampamento em diversos dias, os srs. Arcebispo de Braga, Bispo do Porto, Governador Civil do Porto, presidente da Câmara Municipal de Gaia, delegado da Direcção Geral dos Desportos, comandante da I Região Militar e o representante do chefe do Departamento Marítimo do Norte.

Também estiveram de visita ao X Acampamento os srs. Comissário Nacional Adjunto e o secretário inspector da M. P., assim como o Delegado Provincial desta Organização, e o sr. prof. dr. Pinto Coelho, antigo comissário nacional.

A sr.a Condessa de Estarreja, chefe nacional das Guias de Portugal, também esteve no acampamento.

ESPECTÁCULOS E EXCURSÕES: Realizaram-se vários espectáculos durante esta grande actividade, tais como fogos de conselho, sessões de cinema, exibições de teatro e de danças regionais. Tanto a Emissora Nacional como Rádio Clube Português gravaram e transmitiram alguns destes programas.

Os escoteiros portugueses e componentes das delegações estrangeiras visitaram algumas localidades do Norte, entre as quais Paços de Sousa, onde visitaram a Casa do Gaiato, para entregarem 1.500 escudos, produto de subscrição efectuada entre os escoteiros do acampamento. Foi também prestada uma comovida homenagem

(Conclui na 12.ª página)

A Propaganda Escoteira

Tese apresentada pelo falecido chefe David Barros à 1.ª Conferência Nacional de Escotismo da União dos Escoteiros do Brasil — São Paulo, 22 a 24 de Janeiro de 1953.

Desde o início do Movimento Escoteiro, um dos maiores meios que favoreceu a sua irradiação foi, sem dúvida, a propaganda. Hoje em dia ainda continua a ser, mas sobre outros aspectos.

Há duas correntes bem definidas sobre a propaganda escoteira; a primeira, natural nos primórdios do Movimento Escoteiro, é a da divulgação do valor e virtudes do Escotismo, de sua influência na formação das novas gerações, etc. A segunda, que se impõe hoje em dia, é a da propaganda como reflexo das actividades e realizações escoteiras.

A primeira, pode-se e deve-se considerar obsoleta, pois todos já sabem, mesmo em linhas gerais, o valor e a influência do Escotismo na formação das novas gerações.

A segunda, é a que precisa ser seguida, estimulada e divulgada pois ela representa, na realidade e com eficiência, a boa propaganda escoteira e dela é que trataremos neste breve trabalho.

Assim, para haver uma boa propaganda escoteira, necessário se torna que o Movimento Escoteiro a justifique e reforce através de boas actividades e grandes realizações escoteiras, pois, em caso contrário, sempre soará em falso, sem poder atingir suas finalidades, qualquer propaganda que se possa fazer.

O Movimento Escoteiro, como sua própria denominação o diz, é um MOVIMENTO e, portanto, para não desmerecer seu nome, para realizar suas altas finalidades, para cumprir seus elevados objectivos, deve estar sempre em movimento.

E essa propaganda não deve sòmente ficar restrita à divulgação das actividades e realizações escoteiras. Deve ultrapassar os círculos escoteiros, indo ao encontro de todos os meios onde o Escotismo possa exercer influência, atrair novos adeptos, contribuir para um mundo melhor. O Movimento Escoteiro deve-se interessar, fazendo-se representar, em todos os congressos de educação (o trabalho de Baden-Powell «A educação pelo amor, substituindo a educação pelo temor», foi apresentado num Congresso de Educação), de juventude, de desportos, etc., levando aos mesmos a contribuição escoteira e fazendo a melhor propaganda do Escotismo em novos meios. Esta actividade, de grande valor, tem sido muito desprezada até aos dias de hoje.

Apreciemos, agora, alguns aspectos em que a propaganda escoteira pode e deve ser exercida.

Poderes públicos — Na maioria dos países escoteiros, os Chefes do Governo sempre cooperam com o Movimento Escoteiro, enviando Mensagens na Semana Escoteira ou na data de seus aniversários, recebendo, anualmente, representações escoteiras, realizando palestras de apoio ao Escotismo nas suas grandes datas ou grandes realizações, patrocinando e comparecendo às concentrações, conferências e outras actividades gerais, etc.

Entidades Educacionais — O Movimento Escoteiro deve manter as melhores e mais estreitas relações com outras entidades educacionais e cívicas, prestando-lhe toda a cooperação possível, interessando-se, também, em suas actividades e realizações, em vez de ser um organismo estanque como o tem sido até aqui.

Colégios — Nos primórdios do Movimento Escoteiro, quase todos os Colégios e Escolas tinham o seu Grupo Escoteiro, com sede própria e um excelente progresso. A propaganda escoteira deve visar o reavivamento dessa situação de grande valor para a Causa Escoteira, procurando que os Colégios voltem a possuir os seus Grupos Escoteiros pois com isso só lucrarão esses Colégios e o próprio Movimento Escoteiro.

Entidades religiosas — Ainda que o número de Grupos Escoteiros em entidades religiosas não seja pequeno, necessário se torna uma campanha para que cada Paróquia, cada Colégio Religioso, cada entidade religiosa, possua o seu Grupo Escoteiro, igualmente com todo o proveito para essas entidades religiosas e o Movimento Escoteiro.

Desportos — Também, nos primeiros tempos, raro era o Clube Desportivo que não possuía o seu Grupo Escoteiro. Com o advento dos campeonatos e torneios infantis e juvenis, seus pequenos associados foram solicitados para estas actividades desportivas, fazendo perecer os Grupos Escoteiros. Eis outro campo para uma campanha para o ressurgimento dos antigos e de novos Grupos Escoteiros.

(Conclui na 11.ª página)

Como no "Livro da Selva" de Kippling

Muitas vezes a ficção está mais próxima da realidade do que à primeira vista pode parecer. A atestar esta afirmação, há o seguinte facto:

Todos nós conhecemos a história de Mowgli, o menino-lobo, que sugeriu a Baden-Powell, a mística do movimento educativo dos lobitos. O que, porém, nem todos conhecem é que essa maravilhosa história de Kippling tem mais foros de verdade do que se pode imaginar, como se deduz do seguinte caso contado pelo professor Lucien Dehoux (*):

«Em 17 de Outubro de 1920, um sacerdote, auxiliado por alguns indígenas de Bengala, capturou duas meninas criadas por lobas. As fotografias mostram dois rostos humanos, mas os corpos estão adaptados à marcha de quatro patas. A menina mais velha teria oito anos; a mais nova, três ou quatro. Ambas se apresentavam com características de nictálopes, com os olhos fosforescentes e fotófobos. Uivavam como os lobos e corriam com as mãos no chão, em tal velocidade, que se lhes tornava possível apoderarem-se de pequenos mamíferos, que lhes serviam de presa. A mais nova morreu dentro em pouco, a mais velha chamada Kamala, resistiu até aos dezassete anos.

«O sacerdote iniciou o seu trabalho educativo e registou num caderno, os progressos realizados. Foram precisos três anos para que Kamala se pudesse manter de pé e pronunciar a palavra sim. Na idade em que morreu, ela não era capaz de pronunciar mais de cinquenta palavras e o seu desenvolvimento intelectual era o de uma criança de quatro a cinco anos. É que na ocasião em que ela iniciou a sua aprendizagem, já havia passado a idade da palavra. Não é possível qualquer recuo no tempo. Se as aludidas meninas tivessem sido encontradas aos dois anos de idade, elas, provàvelmente, teriam sido salvas».

Infere-se, pelo que me fica dito acima, que o poeta Kippling andou mais próximo da realidade do que ele próprio, naturalmente, pensava.

(*) «Aproveitar a oportunidade, não a deixar perder» *in* «Boletim do Instituto Nacional de Educação Física« n.os 3 e 4 de 1955.

• • o • •

Baden-Powell teve a clarividência mais monumental ao fundar uma Instituição como o Escotismo, difundida de forma tão ampla, sem distinção de raças, cores, idiomas, ideias políticas e religiosas, a mais democrática de todas.

ERASMO VERGARA

Peço a palavra!

Uma excursão a Inglaterra em 1957

Prezados amigos:

(...) A propósito da realização do Jambori do Jubileu, lembrei-me de que seria interessante se alterassem o itinerário da vossa projectada excursão a França, de forma a permitir a permanência de alguns dias nas imediações do Jambori.

É possível que a ideia não seja nova, mas não quis deixar de apresentá-la, ou reforçá-la, pois ainda se iria a tempo de facilitar razoàvelmente o pagamento aos excursionistas (...), e penso que há muitos Dirigentes, Escoteiros e pessoas directamente ligadas ao Escotismo, a quem talvez não desagradasse a perspectiva de um belo passeio por Espanha, França e Inglaterra, com uma finalidade que bem lhes toca.

(...)

«Sempre Pronto»
a) *José Manuel Pereira*

Vila Real de Sto. António.

N. da R. — O assunto diz directamente respeito aos nossos estimados leitores. São eles que têm a palavra.

Lisboa, 10/9/56

Sr. Director:

Publicou já há tempo o «Sempre Pronto» um inquérito que se intitulava: «Devem os escoteiros fumar»?

A minha Patrulha, era então eu escoteiro mais novo, não deixou de responder a esse inquérito, e o «Sempre Pronto» disse que a Patrulha Águia do «94» era fortemente contra o fumo.

Ora eu li esses artigos, um do guia e outro do escoteiro n.º 4, e neles vi que o tabaco para o escoteiro não prestava e como tal nunca me dei ao trabalho de o provar.

Presentemente sou o guia da «Águia» e entre muitas coisas que tenho ensinado aos meus escoteiros, uma delas é a de dizer para combaterem o fumo como S. Jorge combateu o dragão do Mal.

Infelizmente nem todos os escoteiros são como os da minha Patrulha e muitos há, mas mesmo muitos, que fumam.

Disto sabe o Sr. Director há muito, mas o que eu quero é analisar uns factos que me foram dados a observar.

Saiu a minha patrulha para ir acampar para Sintra, onde assistimos ao aniversário do 95.

Por conveniência, apanhámos o autocarro para a Amadora e por coincidência os escoteiros de um outro grupo também apanharam o mesmo autocarro.

No caminho, tocaram umas músicas do folclore deles, mas caso triste, a cada duas modas um deles dizia «Agora um intervalo para fumar um cigarro» e eles tocaram muitas modas e por conseguinte...

No comboio seguiu-se a mesma cena, mas aí só tocou o cigarro porque a música não se ouvia.

E no acampamento íamos morrendo sufocados porque as chaminés aumentaram.

Até se deu o caso destes escoteiros estarem em formatura e dentro do Palácio da Câmara Municipal de Sintra e aí largaram a fumar, o que espantou os nossos irmãos do Entroncamento, que ficaram desapontados com o que viram.

Francamente, segundo sei, é difícil deixar-se o vício do fumo, mas não poderiam os escoteiros deixar de o fazer tão pùblicamente?

Que exemplos bons darão estes escoteiros, aos escoteiros mais novos do grupo deles e até mesmo aos dos outros grupos? Estarão eles a entrar no caminho descrito por Baden-Powell? Certamente que não, mas nunca é tarde para se reparar o mal feito.

Já agora não quero deixar de apontar o caso de um escoteiro de Sintra e que este sirva de exemplo para os outros que fumam.

Foi o caso de eu travar conhecimento com um deles e estávamos nós na escadaria do Palácio da Vila, isto já à noite, quando ele me disse:

— O meu amigo não se importa que eu fume?

— Não — respondi-lhe — o muito que lhe posso dizer é que Baden-Powell não aconselha que os escoteiros fumem.

— Bem sei — disse-me ele —, mas eu apanhei o vício há anos e lá em casa não me dizem nada de maneira que não passo o dia sem fumar uma cigarrada — e puxou dum cigarro que escondeu — não julgue que vou fumar aqui pùblicamente fardado à escoteiro, ... venha daí.

E levou-me a passear até um miradouro onde não estava ninguém. Chegado aí, acendeu o cigarro e fumou-o calmamente, tendo o cuidado de lidar com ele de tal modo que se viesse alguém não veria o cigarro.

Ainda me disse este amigo que estava arrependido de ter o vício de fumar, mas que fumar fardado à vista de todos isso nunca faria porque isso estraga a dignidade do escoteiro.

Mas o mal não fica aqui pois também já vi sedes transformadas em salas de fumo.

Não se poderiam reprimir estes abusos?!!!

A conversa já vai longa e não quero maçar mais o Sr. Director.

Só quero dizer para os escoteiros que não fumam que ponham o exemplo em Baden-Powell que só nos ensinou coisas boas e nunca nos ensinou a fumar.

Ajudemos S. Jorge a matar mais este Dragão do Mal.

Sou Sempre Pronto

ARMANDO GARCIA INÁCIO

N. da R. — *Não fazemos qualquer comentário a esta carta. Oferecemo-la à consideração da digna Direcção dos Escoteiros de Portugal. É um Escoteiro, um Guia de Patrulha, que espontâneamente desabafa o desgosto que lhe causou uma actividade de escoteiros. Nós continuamos a manter silêncio sobre estes acampamentos, mas parece-nos que nos vai ser custoso continuar calados.*

Dr. JOAQUIM MANSO

A morte do Dr. Joaquim Manso, ocorrida em 10 de Setembro p. p, deixou consternados, não só os meios literários e jornalísticos do nosso país, como todo o povo em geral.

Realmente, o desaparecimento de figuras como a do Dr. Joaquim Manso, produz sempre um vácuo difícil de preencher, tanto pela sua cultura, como pelas altas qualidades de carácter demonstradas.

Mais de meio século de intensa actividade literária, sendo 35 anos à frente do «Diário de Lisboa», de que era fundador e director, não é caso vulgar na nossa vida literária.

Aquele importante jornal diário, sofreu uma rude perda, porque tinha no seu director um distinto timoneiro, que soube imprimir-lhe uma orientação que reflectia o espírito de nobreza, concórdia e independência que ele próprio possuía. Mestre de jornalismo, nunca a sua pena se contorceu a fim de atraiçoar a verdade ou distilar o veneno das insídias ou das dissenções.

Por estes motivos, «Sempre Pronto» sente profundamente o passamento do insigne homem de letras, apresentando ao seu colega «Diário de Lisboa» a expressão do seu muito pesar.

Maneiras de dizer

(Conclusão da 5.ª página)

—Cinquenta escudos.—respondeu o escoteiro.

— Não meu bom amigo. O livro não merece esse preço. Dou-lhe vinte. Convém-lhe? E olhe que é para lhe ser agradável...

Paulo saiu, radiante, com os seus vinte escudos. Já poderia ir ao acampamento do seu grupo.

II

Assim que o escoteiro voltou costas, o alfarrabista, esfregando as mãos, colocou o livro na montra do estabelecimento.

Passadas duas horas, entrou um indivíduo na loja. Salomão aproximou-se, com o seu sorriso profissional:

— Em que posso ter a honra de o servir, senhor doutor Maciel?

— Desejava adquirir um livro que está na vitrina.

— Tem a bondade de me dizer qual é...

O doutor Maciel, acompanhado do alfarrabista, indicou o volume que, pouco antes, fora comprado ao escoteiro.

— Ah, sim? Uma bela obra! — exclamou Salomão — É o célebre *Tratado das Vicissitudes da Fortuna*, composto pelo Doutor Ambrósio Froes de Paym, físico da Casa Real. Uma obra rara!

O cliente examinou, minuciosamente, o volume, e encolheu os ombros;

— Há edições muito melhores. Esta encontra-se até em muito mau estado. Quanto quer pela obra?

— Cem escudos! disse Salomão.

— Deus nos livre! — protestou o doutor Maciel — Cem escudos? Uma obra que se pode dizer moderna...

— Moderna? — exclamou Salomão, horrorizado. — Moderna? O senhor considera moderna um obra datada de 1860? Veja bem, meu caro doutor, olhe que esta obra *tem quase cem anos!*

III

E foi assim que o doutor adquiriu por cem escudos, por ser antigo, um livro que Salomão adquirira, pouco antes, por vinte escudos, por ser moderno...

MANUEL FERREIRA

FAUSTINO LEITÃO

Este nosso estimado companheiro de trabalho, Chefe do nosso Serviço de Assinantes, encontra-se doente e internado na Sala I do Serviço 2 do Hospital de S. José.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» formulam votos sinceros de um rápido e completo restabelecimento.

A Propaganda Escoteira

(Conclusão da 9.ª página)

Jornais — Desde os primeiros passos do Movimento Escoteiro a Imprensa Brasileira, numa afirmação de seu interesse por todas as organizações de valor e de futuro, deu incondicional apoio ao Escotismo, abrindo páginas inteiras para seu noticiário e propaganda. Hoje em dia, mesmo com a dificuldade de espaço com que lutam os jornais, o noticiário escoteiro é bem acolhido e publicado com regularidade.

Mas, para que este noticiário obtenha bom êxito e alcance o objectivo, necessário se torna, como já dissemos, que ele seja o reflexo das actividades e realizações escoteiras. Um Jambori Nacional Escoteiro, uma Conferência Nacional de Escotismo, um Acampamento Geral, Regional, ou inter-regional, um Curso de Chefes, uma excursão escoteira a outros Estados, um serviço social de destaque, a visita de escoteiros de outros Estados ou de outros países, a visita de chefes e dirigentes escoteiros estrangeiros, a participação em solenidades cívicas, em campanhas de carácter nacional, etc., são os factores indispensáveis para uma boa propaganda, pois em caso contrário qualquer propaganda soará em falso e portanto será sem valor.

Rádio — É outro factor de grande valor para a boa propaganda escoteira. Mas como qualquer outro, se não tiver base, se não for bem organizado, redundará em propaganda prejudicial para o Escotismo. Sòmente, quando se puder dispor de bons elementos seguros, é que se pode pleitear a realização de um programa escoteiro de rádio. Não os havendo, o melhor é aguardar a devida oportunidade, limitando-se a aproveitar as estações de rádio na divulgação do noticiário das actividades e realizações escoteiras.

Folhetos — Eis um dos grandes veículos da boa propaganda escoteira, que deve merecer o interesse e o apoio de todos os que militam nas hostes escoteiras. Os folhetos constituem a melhor orientação para os que desejam ingressar ou auxiliar o Escotismo, dando-lhes directrizes seguras para um trabalho eficiente, evitando deturpações ou inovações sempre prejudiciais. A União dos Escoteiros do Brasil já publicou diversos destes folhetos, mas ainda muitos outros são necessários para uma distribuição intensiva e para estarem sempre à disposição dos interessados.

Livros escoteiros — Adaptando o provérbio ao escotismo, também se pode dizer de qualquer nação: «Diz-me os livros escoteiros que publicaste e eu te direi o progresso escoteiro que tens». A publicação de livros escoteiros especializados, ainda que de certa maneira difícil pelo seu elevado custo, continua a ser uma necessidade premente, pois eles são os arautos do Movimento Escoteiro em todos os meios, os melhores auxiliares e conselheiros para todos os que labutam em prol da Causa Escoteira e os guias para os que iniciam suas actividades escoteiras. Neste sector, ainda que a situação não seja das mais destacadas, o Brasil pode-se orgulhar da sua bibliografia escoteira de grande valor e que, talvez, tenha sido um dos maiores estímulos para o bom progresso e directrizes seguras em que vai o Escotismo Nacional.

Filmes e fotografias — É este um sector que não deve ser esquecido na propaganda escoteira, pois é de grande valor e muito actual. Os filmes são de custo elevado e já consta dos projectos da Directoria Nacional da U. E. B. a organização de um. Mas, as boas fotografias, estas podem ficar a cargo dos chefes e dirigentes escoteiros nas actividades dos seus Grupos Escoteiros, enviando cópias para a Revista «Alerta!», para o arquivo da U. E. B., que tantas vezes recebe pedidos de outros países, de revistas escoteiras, de publicações, sem as poder atender.

CONCLUSÃO

O Campo da Propaganda Escoteira está, principalmente, nas actividades e realizações escoteiras.

A boa propaganda escoteira repousa, principalmente, nas boas actividades de todos os Grupos Escoteiros, irrepreensível apresentação de todos os seus elemenios, desde o menor lobinho até ao mais alto dirigente escoteiro, no bom trabalho realizado no cumprimento dos postulados escoteiros e nos serviços prestados à Comunidade.

A boa propaganda reside nos novos campos que o Movimento Escoteiro precisa de conquistar, para aumentar o número dos seus Grupos. Escoteiros, assim como para atrair o apoio e a cooperação de todos.

A boa propagada escoteira, em resumo, é o reflexo da situação, operosidade e actividades escoteiras, nunca as podendo substituir, sendo sua acção de as reforçar e realçar, completando os trabalhos realizados, para maior grandeza desta grande obra fundada por Baden-Powell, que é o ESCOTISMO.

DAVID BARROS

MEMÓRIAS DE TIMOR

(Conclusão da 4.ª página)

Terminada a cerimónia, o comandante Müller declarou:

—Tem o senhor toda a razão. O meu navio encontra-se, efectivamente, em águas de Portugal. Mas, tem a minha palavra de marinheiro de que levantaremos ferro imediatamente.

Disse e cumpriu.

Quando o sargento Baptista regressou ao posto, já o «Endem» se fizera ao largo.

III

— E que foi feito do «Endem»? — perguntou Belchior.

— O célebre navio, ao sair das nossas águas territoriais, foi perseguido, implacàvelmente pela marinha inglesa e veio a afundar-se perto da ilha dos Cocos. Acabou em tragédia a sua notável carreira.

— E o sargento Baptista ainda é vivo?—indagou o chefe do posto.

— O sargento Baptista, sempre que se referia à aventura em que tomara parte e, em especial, ao momento em que vira içada, com todas as honras, a bandeira nacional, declarava, com os olhos vidrados: *Foi um momento que valeu a pena viver e que nunca mais esquece. Nunca mais!*

Comovido, o velho colono terminou a sua narrativa:

—Foi também infeliz o fim desse homem tão digno. Morreu assassinado durante a ocupação japonesa.

MANUEL FERREIRA

(1) As *tranqueiras* eram obras de defesa construídas pelos indígenas com material cuja natureza variava com a região. (Hélio Felgas, *Timor Português*).

(2) Cânticos fúnebres que, segundo o capitão José Simões Martinho, eram destinados a solenizar a última homenagem prestada ao inimigo decapitado, a quem, cantando, os guerreiros pediam perdão.

(3) Os *moradores* são tropa de segunda linha. Desempenharam outrora grandes serviços e alguns dos seus oficiais foram agraciados com valiosas condecorações (Torre e Espada, Valor Militar, etc.).

(4) Piroga, cavada em madeira de mogno e dispondo, geralmente, de dois flutuadores, um de cada lado, para melhor equilíbrio. Destina-se à pesca no litoral.

O «SEMPRE PRONTO»
VENDE-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA
CASA ÂNGULO
Rua da Prata, 148 — LISBOA

Este número foi visado pela Comissão de Censura

É tempo de reacender o antigo fogo

(Conclusão da 3.ª página)

começa por nós —, será conveniente, creio, que todos nos mostremos mais sensíveis aos problemas actuais e futuros do «Mundo português», aos tremendos problemas com que se enfrenta toda a nação que atinge um certo grau de civilização.

O Escotismo tem neste momento necessidade de intensa vida interior. Mas é preciso que igualmente se exteriorize. O Escotismo não pode ficar na margem do grande rio da vida do país. Tem de se lançar na própria corrente, participar MATERIALMENTE na harmonização das margens.

É preciso que o nosso caro «SEMPRE PRONTO» — sem por isso conceder menos espaço às deslocações dos nossos chefes ou redactores, aos acontecimentos marcantes da vida dos nossos amigos ou à lista daqueles que lhe escrevem por ocasião das festas — não seja surdo à sinfonia portuguesa que, amanhã, deveremos contribuir para interpretar e compor.

Tal é, concretizado a rápidos traços, o voto que exprime aquele que espera que fareis o favor de lhe perdoar a audácia de estar de improviso a dirigir-se a vós como se fizesse parte da vossa grande família, consciente de que O CORAÇÃO SÓ, e não a insígnia ou o passaporte, materializa na escala humana os laços de filiação. Espero que isto, longe de desagradar pela franqueza, vos levará a apreciar, pelo contrário, o que António Correia de Oliveira chamou «o grande e doce bem da lealdade».

Não há símbolo lusitano que me toque mais do que a nau. Os Escoteiros de Portugal são os marinheiros do grande barco que deve levar uma parte da esperança da pátria. Seja-me portanto permitido servir-me de novo, por algum tempo, da inesquecível voz de António Correia de Oliveira, e, de pé sobre o cais do Sena, dirigir-vos este grito magistral:

Eia! Olá! Ao leme, às velas!
Tombem do céu as estrelas:
Suba o mar a encher-lhe as covas...
.....
Eia! Ó Nau! Corcel dos mares,
Voa! arranca: até galgares
A derradeira subida.
— Dai-lhe a vela às rédeas largas;
Rasgue-lhe o raio as ilhargas;
Eia! assim! a toda a brida!

Saint-Denis, 15 de Julho de 1956

Z.

P. S. — O Autor, desejoso de que este artigo seja o início de um longo diálogo, gostaria de conhecer as reacções provocadas pelas suas palavras Pede, por isso, para que lhe escrevam dirigindo-se ao «S. P.», que lhe transmitirá as respectivas cartas.

O X Acampamento Nacional do C. N. E.

(Conclusão da 8.ª página)

perante a campa do saudoso e grande benemerente Padre Américo.

OUTRAS ACTIVIDADES ESCOTISTAS: Durante o acampamento, prestaram compromisso de honra duas escutas e quatro guias de Portugal, tendo sido prestada homenagem à proprietária da Quinta de Fiães, sr.ª D. Maria Helena Van-Zeller Guedes, assim como a outros membros de sua família.

Funcionou também uma bem organizada Exposição Escotista, preparada pelo sr. Padre Ferreira da Silva, onde estavam dispostos trabalhos manuais, cartazes, selos, livros, fotografias e gráficos escotistas, que despertou muito interesse em todos os visitantes, onde se via um exemplar do «Sempre Pronto».

O ENCERRAMENTO: O sr. Subsecretário do Estado da Educação Nacional, Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, antigo escoteiro e dirigente da Associação dos Escoteiros de Portugal, esteve presente na cerimónia de encerramento, tendo manifestado o seu agrado pelo bom aspecto que todo o campo oferecia. Foi-lhe oferecido um almoço no subcampo da Covilhã.

OS EFECTIVOS EM CAMPO: Neste acampamento, além dos escoteiros portugueses e *akelás* e guias de Portugal, estiveram presentes delegações de escoteiros de França, Inglaterra, Espanha, Dinamarca e Suécia, perfazendo, segundo notícias publicadas nos jornais, um total de cerca de 1.500 pessoas.

Ainda o Regulamento Geral

Conforme tinha sido prometido pelo Escoteiro-Chefe-Geral, a Direcção atendeu as exposições que lhe foram feitas acerca de matéria omitida no Regulamento Geral e publicou um Boletim Oficial com as necessárias rectificações.

Está assim solucionado este problema de uma forma prestigiante, parecendo que não subsiste qualquer dúvida que obste a aprovação unânime do R. G., embora isso não signifique uma concordância absoluta com a organização do mesmo.

Por nossa parte, damos o assunto por encerrado e manifestamos à digna Direcção o nosso contentamento pela forma como encarou e resolveu o problema.

PUBLICAÇÕES

O pé descalço, uma vergonha nacional que urge extinguir

Continua a Liga Portuguesa de Profilaxia Social a sua meritória acção educativa, publicando, em volumes apresentáveis, relatos circunstanciados e documentados das suas campanhas em prol da elevação cívica e moral do Povo Português.

O volume ora publicado, que tem o título que serve de epígrafe a estas linhas, é um repositório completíssimo da acção da Liga perante este problema nacional, no qual ficam registados, além da história da campanha, as exposições e editais que o caso reclamou, assim como valiosos depoimentos, nótulas, comentários e relação de acidentes mortais publicados em muitos jornais.

Damos inteiro aplauso à campanha da Liga de Profilaxia, porque consideramos perigoso e aviltante o hábito do pé descalço, pelo que reputamos da maior pertinência todos os esforços tendentes a extirpá-lo da gente da nossa terra. No entanto, consideramos o problema de difícil solução, porque a luta contra a prática do pé descalço não é só um caso de polícia, ou melhor, um problema que não resista a uma forte repressão da autoridade. Se é certo que, em grande parte dos casos, o pé descalço seja índice de «pobreza moral ou de espírito» ou «falta de dignidade e de civismo», outros casos há em que essas razões não podem ser abonadas. Em prova desta afirmação, permitimo-nos transcrever a digna sentença de um ilustre juiz do Tribunal da Polícia do Porto, inserto a páginas 159 do livro em referência, a propósito do julgamento de uma mulher que andava descalça.

Disse o aludido magistrado:

—Provou-se que a ré é uma pobre de Cristo que ganha apenas 11 escudos por semana e com esse dinheiro tem de sustentar-se. Perante tal miséria, justifica-se inteiramente que ande descalça, pois tem outras necessidades a satisfazer como seja a da alimentação, para o que dispõe apenas da referida importância. Pelo exposto, tratando-se de um caso de necessidade, absolvo-a e mando-a em paz.

Perguntamos: perante tal problema, a repressão policial não se tornará uma mera panaceia? Será lícito cumular com exigências entes tão desprezados pelo aglomerado social? Casos desta natureza não requererão medidas mais subtis e de mais profundidade de alcance?

ACAMPAMENTO REGIONAL DE SINTRA

O Grupo 93 em festa

Vinte e dois anos são decorridos em que nesta Sintra, terra de Reis e Poetas, página da nossa História, se inaugurou um Grupo de Escoteiros que ficou sendo o 93, por todos nós muito conhecido como dos mais activos a bem do Escotismo em Portugal.

São 22 anos de trabalho árduo e contínuo, em prol dos rapazes de Sintra.

Agora, hoje como ontem, no mesmo local, o largo fronteiro ao Palácio Nacional, os escoteiros reuniram para festejar o aniversário deste Grupo. Como então, Sintra foi invadida pelos Escoteiros de Lisboa, que por todos os lados lhe emprestaram um ar de festa e juventude.

Com um efectivo superior a uma centena, e sob a chefia do Delegado dos Serviços Centrais, Dr. Eugénio Ramos, os escoteiros acamparam na cerca do Palácio Nacional.

À noite, no largo do Palácio e perante numerosa assistência, sob orientação do Chefe Madeira, realizou-se o anunciado Fogo do Conselho.

Pelo Chefe do Grupo em festa foi lida a Ordem de Serviço, em que exarou agradecimentos às autoridades e às forças vivas de Sintra pelo auxílio e carinho que sempre dispensaram ao 93, após o que se procedeu à cerimónia do Compromisso de Honra dos novos escoteiros. Seguiu-se uma parte de canções e recitativos, que não deixou saudades. Para terminar, e bem, efectuou-se a representacão dum Auto relacionado com o facto histórico da leitura dos «Lusíadas» por Luís de Camões a D. Sebastião. Feliz ideia executada por escoteiros do Grupo 2, que, aproveitando o cenário natural que as arcadas do Palácio proporcionam, nos deram um momento de prazer, sendo de aplaudir e desejar que tal iniciativa frutifique. Terminada a representação, os Escoteiros entoaram o Hino Nacional.

No domingo, no acampamento dirigido pelo Chefe Samuel, a vida decorreu normalmente, com as peculiares ocupações de escoteiros, até que, às 11 horas, se procedeu à concentração dos Grupos acampados para, sob a chefia do Chefe Lino, se dar início ao desfile em direcção aos Paços do Concelho, a fim de se apresentar cumprimentos às autoridades.

A chuva, caindo em grossas bátegas, nada pôde contra a vontade firme dos escoteiros, que, sorrindo, a enfrentaram num desfile impecável, até ao edifício da Câmara, onde foram passados em revista pelo Escoteiro-Chefe Geral, sr. Comodoro Duarte Silva.

Realizou-se uma sessão a que presidiu o sr. Dr. César Nogueira Baptista, ilustre presidente da Câmara Municipal, na qual o Escoteiro-Chefe Geral, que se fazia acompanhar pelo seu adjunto, sr. Luís Tovar de Lemos, usou da palavra para manifestar ao município de Sintra o agradecimento dos Escoteiros de Portugal por tudo quanto o mesmo tem feito em benefício do Grupo 93, entregando, de seguida, nas mãos do sr. presidente da Câmara, a medalha do 40.º aniversário da A. E. P. com que o Município foi agraciado. Referiu-se, depois, às facilidades e simpatia que o sr. Dr. César Nogueira Baptista tem dispensado ao 93 e que mais uma vez se manifestaram com a obtenção das novas instalações para sede do mesmo Grupo, fazendo-lhe então, entrega da medalha «Lis de Agradecimento».

O Sr. Dr. César Nogueira Baptista, agradeceu a homenagem que, tanto a ele como à Câmara, os escoteiros tinham acabado de prestar, afirmando que o Presidente dos Escoteiros de Portugal, Sr. Comandante Henrique Tenreiro, poderia contar sempre com ele e com a Câmara Municipal de Sintra para um maior progresso dos escoteiros, dos quais, confessou, ter sido em tempos também um deles.

As palavras de ambos os oradores foram calorosamente aplaudidas pelos assistentes, sendo de destacar a forma própria dos aplausos dos escoteiros.

Reorganizou-se, outra vez, o desfile em direcção ao local onde está instalada a nova sede do Grupo em festa, e que ia ser inaugurada pelas mesmas individualidades presentes na sessão dos Paços do Concelho.

As instalações da nova sede, que foram demoradamente apreciadas, mereceram os maiores elogios por tudo o que se lá viu. A nova sede, que dispõe de várias salas, decoradas com sentido escotista, é de molde a enriquecer o escotismo quanto a instalações, de que esta será uma das melhores. Aos convidados, foi depois oferecido um Colares de Honra.

De regresso ao acampamento, e após o almoço foi o mesmo dado por encerrado, tendo falado aos escoteiros acampados o Adjunto Tovar de Lemos e o Delegado Dr. Eugénio Ramos.

E assim o 93 festejou o seu 22.º aniversário e deve ter sentido e ficado satisfeito por saber quanta estima lhe dispensam os outros Grupos, pois que, com excepção de duas, todas as unidades de Lisboa estiveram com eles, sem que o mau tempo que fez tivesse evitado essa prova de amizade.

Uma das maiores provas dessa amizade foi a dada pelo Grupo 84, do Entroncamento, que veio até Sintra trazer-lhe o seu abraço fraterno.

Por fim, compete-nos frisar a forma gentil como o Chefe e Subchefe do 93, os nossos amigos João Pereira Soares e Miguel Raposo Bicho receberam os seus convidados.

O nosso jornal, que abraça o Grupo festejado, desejando-lhe longa vida e bom Escotismo, fez-se representar pelo nosso colaborador, chefe Quintino Pinheiro.



Novas assinaturas para o «Sempre Pronto»

Campanha Centenário de Baden-Powell

A nossa campanha para novas assinaturas está conquistando, dia a dia, novas adesões.

Até aos primeiros dias de Setembro, foram registadas mais 12 novas assinaturas. Temos, portanto, um total de 27 novas assinaturas.

O prémio da 25.ª assinatura proposta, um talher de campo, foi ganho pelo sr. António Pestana, organizador do novo grupo do Funchal, a quem oportunamente será entregue. Teremos um prémio igual para a 50.ª assinatura.

Propuseram as últimas assinaturas registadas, os seguintes amigos do «Sempre Pronto»:

2 assinaturas: o Guia José Eduardo Pena Ribeiro.
2 » : o Subchefe Manuel Tacão Monteiro.
6 » : o sr. António Pestana.
2 » : o Subchefe António Pereirinha Pinto.

Até agora já foram distribuídos os seguintes prémios da nossa campanha:

16 senhas para o sorteio da viagem a Madrid e 4 dias de estadia na bela capital de Espanha.

6 exemplares da obra do Prof. Dória, «O Cinema, o Desporto e a Educação».

1 apito de escoteiro.

CLASSIFICAÇÃO POR PATRULHAS

1.ª	Patrulha «Cão» do Grupo 94.....	6 pontos
2.ª	» «Lobo» do Grupo Pedro Álvares Cabral....	3 »
3.ª	Uma patrulha do grupo 4 (a indicar).....	2 »

Lembramos a todos os Guias que os prémios de Patrulha são:

100 assinaturas propostas por toda a patruha — Uma tenda de patrulha, de lintex.
50 » — Uma cantina de 12 peças.
30 » — Um balde de lona e um alguidar de lona.
20 » — Uma lanterna.
10 » — Um machado.
(Cada assinatura marca um ponto).

* * *

A campanha prossegue assim a caminho das 500 novas assinaturas, mas só terá êxito se o caro leitor nos remeter também a sua assinatura. Contamos com a sua cooperação pessoal e, sem ela, não alcançaremos o nosso objectivo. É esta uma oportunidade de expressar simpatia pelo «Sempre Pronto» e o estimado leitor não vai, certamente, perder o ensejo de o fazer. A nova assinatura, que nos vai propor, é essencial para o êxito da campanha. E nós fazemos conta com ela.

PROVAS DE 1.ª CLASSE

ÁLBUM DE COROGRAFIA

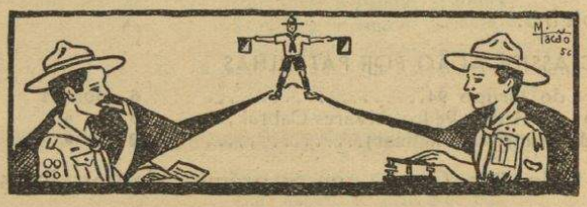
6) Organizar uma colecção de fotos, desenhos, gravuras ou postais referentes à geografia da metrópole, ilhas adjacentes ou províncias ultramarinas, acompanhadas de explicações complementares, por escrito.

Ao prestar o seu Compromisso de Honra, o Escoteiro promete amar a sua Pátria e nunca mais esquece a promessa tão solenemente feita. Mas, para amar a Pátria, é preciso conhecê-la. O Escoteiro deve, pois, procurar conhecer Portugal, as suas províncias continentais e ultramarinas; as populações, o clima, as culturas, a indústria, os portos. O Escoteiro sente desejo de conhecer, cada vez melhor, a sua terra. Só assim poderá falar dela nos seus encontros e na correspondência com irmãos-escoteiros de outros países.

Esta prova exige a organização de uma colecção de fotos, gravuras ou postais referentes à geografia de Portugal Continental ou Ultramarino. Não deve, porém, constar de um simples álbum, mas de um estudo sobre determinado aspecto da nossa geografia. Deve ser feito com arte e acompanhado de notas explicativas que demonstrem ter o Escoteiro estudado devidamente o assunto.

Achamos preferível que estes estudos versem principalmente parcelas do nosso território ultramarino. A sua organização administrativa, a fauna, a agricultura. O Escoteiro, ao apresentar o seu trabalho, deve estar habilitado a fazer uma palestra à sua Patrulha sobre o assunto apresentado no seu álbum.

Agora, meu caro Escoteiro, lança-te ao estudo. Não queiras apresentar uma prova banal, mas esforça-te para apresentar um trabalho que faça honra à próxima exposição de trabalhos do teu Grupo. Ilustra o trabalho com desenhos e gráficos da tua própria autoria. Faz obra perfeita e será com prazer que verás brilhar no teu braço a insígnia de primeira classe.



Sinalização Morse

8) Transmitir e receber por Morse um mínimo de 15 sinais ópticos ou acústicos por minuto.

A transmissão de pensamentos ou ideias por meio de sinais gráficos, luminosos ou sonoros, foi sempre uma preocupação do homem em todas as civilizações. Ainda hoje os povos mais atrasados usam sinais acústicos para transmitirem as suas mensagens através das montanhas. O fumo e o fogo são outro sistema usado. À medida, porém, que a civilização foi progredindo, o homem aperfeiçoou os sistemas de transmissão até que alcançou a linguagem escrita. Subsistia, porém, a necessidade das transmissões urgentes a distância, pelo que os velhos sistemas foram sucessivamente substituídos por outros mais rápidos e mais práticos.

O sistema homográfico, que aprendeste na Segunda Classe, é ainda muito usado, especialmente na Marinha, para comunicação entre barcos. Em 1835, porém, Samuel Morse descobriu o telégrafo. Como o aparelho registador de Morse não podia executar senão um único movimento, um traço de um estilete sobre uma folha de papel, surgiu a ideia de fazer representar as letras do alfabeto por combinações desse movimento, ou seja uma combinação de movimentos, rápidos e breves, com movimentos mais demorados e longos. O estilete escreveria assim instantâneamente um pequeno traço — ponto — e outro um pouco mais demorado — traço —. O código Morse é, desta forma, uma combinação de *pontos* e *traços*.

Apesar dos modernos meios de comunicação, representados hoje pelo telefone e pela T. S. F., o alfabeto Morse continua a prestar preciosos serviços, não só para as comunicações pelo telégrafo ou pela rádio, mas ainda mesmo nas transmissões acústicas ou sonoras. Em campanha mesmo, são estes, muitas vezes, os únicos que podem ser utilizados.

O Escoteiro deve ser hábil nas transmissões. Os sinais de pista que aprendeste nas provas de *pata-tenra*, constituem uma das formas de transmissão de mensagens. A tua patrulha, certamente, terá muitas outras formas secretas de estabelecer comunicação entre os seus membros. Todas as boas patrulhas têm os seus códigos privativos. Mas deves também saber o código Morse. É simples. Necessitarás apenas de perseverança. Começa por aprender o respectivo alfabeto. Não digas *ponto* ou *traço*, mas antes *di* (para o ponto) *dá* (para o traço). Por exemplo: Três pontos e um traço — *di di di dáa*. O traço é sempre um pouco prolongado, por isso o «a» final. Aprende assim, porque será desta forma que depois ouvirás os sinais. Dirás tudo seguido sem qualquer interrupção. Não digas *dá-a* mas um *dá* um pouco prolongado.

CÓDIGO MORSE

I — SIMPLES

E	. *di*	*dáa*	- T
I	. . *di di*	*dáa dáa*	- - M
S	. . . *di di di*	*dáa dáa dáa*	- - - O
H	. . . . *di di di di*	*dáa dáa dáa dáa*	- - - - CH

II — CONTRÁRIAS

A	. - *di dáa*	*dáa di*	- . N
B	- ... *dáa di di di*	*di di di dáa*	... - V
D	- .. *dáa di di*	*di di dáa*	.. - U
F	..-. *di di dáa di*	*di dáa di di*	. - .. L
G	- - . *dáa dáa di*	*di dáa dáa*	. - - W
Q	- - . - *dáa dáa di dáa*	*dáa di dáa dáa*	- . - - Y

III — SANDUÍCHES

K	- . - *dáa di dáa*	*di dáa di*	. - . R
P	. - - . *di dáa dáa di*	*dáa di di dáa*	- . . - X
N	- - . - - *dáa dáa di dáa dáa*		

IV — ISOLADAS

C	- . - .	*dáa di dáa di*
J	. - - -	*di dáa dáa dáa*
Z	- - . .	*dáa dáa di di*

V — NÚMEROS

1	. - - - -	*di dáa dáa dáa dáa*	
2	. . - - -	*di di dáa dáa dáa*	
3	. . . - -	*di di di dáa dáa*	
4	. . . . -	*di di di di dáa*	
5	. . . . .	*di di di di di*	
		dáa di di di di	- 6
		dáa dáa di di di	- - . . . 7
		dáa dáa dáa di di	- - - . . 8
		dáa dáa dáa dáa di	- - - - . 9
		dáa dáa dáa dáa dáa	- - - - - 0

VI — SINAIS DE PONTUAÇÃO

Ponto final	-	*di dáa di dáa di dáa*
Vírgula	-	*dáa dáa di di dáa dáa*
Dois pontos	-	*dáa dáa dáa di di di*
Ponto de interrogação	-	*di di dáa dáa di di*

DURAÇÃO E COMPRIMENTO DOS SINAIS

1—A unidade de tempo ou de espaço é o *ponto*.

2—Um *traço* é igual a três pontos

3—O espaço entre os elementos componentes de uma mesma letra é igual a um ponto.

4—O espaço entre duas letras é igual a três pontos.

5—O espaço entre duas palavras é igual a cinco pontos

RECOMENDAÇÕES PARA A APRENDIZAGEM DO MORSE

Deverás observar rigorosamente os tempos marcados na tabela atrás referida. Deves procurar fixar as letras da forma que elas nos soam, ou seja pelos sons *di* e *dáa*. Por exemplo, quando o teu chefe apitar três pontos, tu ouvirás *di di di*. Quando ouvires o sinal de avançar entenderás: *di dáa*.

Desta forma criarás o hábito de atender as letras pela sua nota musical e não pelo número de pontos ou traços que ela contém. E não é difícil de obter este resultado. Basta ter vontade, perseverança e praticar intensivamente.

Quando estiveres a receber, não escreverás pontos e traços no papel. Entenderás a letra e escreverás logo em caracteres de imprensa. De princípio, para treino, o transmissor emitirá a letra e dará um espaço grande, de forma a dar tempo a que retenhas a respectiva nota musical e a traduzas. À medida que fores ganhando prática, vais diminuindo o espaço entre as letras até que o possas fazer à velocidade normal. Logo que tenhas conseguido o domínio do Código Morse sentirás prazer nas transmissões e terás conquistado um conhecimento que pode proporcionar-te grandes oportunidades de ser útil.

A melhor forma de praticar o Morse é dedicar-se uma patrulha inteiramente à sua prática ou, pelo menos, alguns escoteiros de cooperação e nunca menos de dois.

(Conclui na 15.ª página)

Sinalização Morse

(Conclusão da 14.ª página)

SINAIS DE SERVIÇO

Estes sinais devem ser transmitidos como se fossem uma só letra, portanto, sem intervalo correspondente à mudança de letra.

VVV	— Chamada
AR	— Fim de texto (não fim de transmissão)
AS	— Espere
AS (5)	— Espera 5 minutos
IR	— Compreendido
RPT	— Repita
OK	— Estou de acordo
N	— Não
HH	— Erro
W8	— Telegrama de 8 palavras (W=Word—Palavra)
MSG	— Mensagem
IMI	— Ponto de interrogação ou não compreendido
IMI AA	— Repita tudo depois da palavra (indica a palavra)
IMI AB	— Repita tudo antes da palavra...
IMI BN	— Repita entre..... e .....
K	— Convite para transmitir
VA	— Emissão terminada

ALGUNS SINAIS DO CÓDIGO INTERNACIONAL «CÓDIGO Q»

QRQ	— Transmita mais depressa.
QRS	— Transmita mais lentamente.
QRX (2000)	— Próxima emissão (às 20 horas).
QSD	— A sua manipulação é má.
QRK (4)	— Os seus sinais entendem-se bem. (O número facultativo é o indicativo da qualidade de recepção. 0 = Muito mal; 5 = Muito bem; Sem número = Bem.
QSQ	— Transmita cada palavra uma vez.
QSZ	— Transmita cada palavra duas vezes.
QSL	— Recebi a sua mensagem.
QSL (W8)	— Recebi a sua mensagem (de 8 palavras).
QTC	— Tenho mensagem para si.

Quando se emprega IMI depois de um destes sinais, transforma a frase em interrogativa.

CORRECÇÃO DE ERROS

Erro na transmissão—Fazer imediatamente o sinal de erro (oito pontos seguidos, pelo menos) e recomeçar na última palavra correctamente transmitida.

Erro na recepção—Se falha uma palavra ou se salta uma letra, não se está certo de um sinal, corta-se a transmissão, transmitindo um traço prolongado. O transmissor retoma a mensagem começando na palavra anterior àquela que foi interrompida.

Antes de confirmar a recepção da mensagem, esta deve ser lida com atenção. Se se verifica qualquer incoerência, pede-se um IMI AA, IMI AB ou IMI BN, conforme os casos que se apresentem.

Quando há dificuldade na recepção da mensagem, o tempo de duração dos intervalos não está sendo respeitado, há hesitações na transmissão, interrompe-se a comunicação e transmite-se um QSD, QRS ou QSZ, conforme o caso.

INSTRUMENTOS DE TRANSMISSÃO

Acústicos—Os instrumentos acústicos permitem, em boas condições, transmissões a boas velocidades. O apito é o mais usado pelos escoteiros, embora não seja aquele que permite transmissões a maiores distâncias. Podem ser usados com melhores resultados os chifres usados pelos barcos de pesca nos casos de nevoeiro.

As buzinas eléctricas dos automóveis podem ser utilizadas com vantagem.

Nas transmissões acústicas, é necessário acautelar os inconvenientes do eco, que podem prejudicar a recepção.

Ópticos — Pode ser usada uma simples lanterna eléctrica que possua um botão que possibilite a emissão de pontos e traços. Mas qualquer outra lanterna pode ser usada, de combinação com o chapéu ou outro objecto, cobrindo e descobrindo a lanterna, mais ou menos ràpidamente, de harmonia com o sistema de pontos e traços.

O heliógrafo, que utiliza a luz solar pela reflexão, é muito prático e muito usado pelo Exército. Permite boas e rápidas comunicações a longas distâncias.

Podem ser usadas, de dia, bandeirolas. A posição do «A» semafórico é o ponto; a posição do «N» semafórico é o traço.

Usam-se também grandes painéis de pano, emoldurados em réguas de madeiras ou canas que permitem a visibilidade a maiores distâncias e se usam de maneiras engenhosas. Contudo, tanto o sistema de bandeirolas, como de painéis, não é prático e é fatigante. Nestes processos, é necessário, tal como no homográfico, ter em conta o fundo sobre que se transmite.

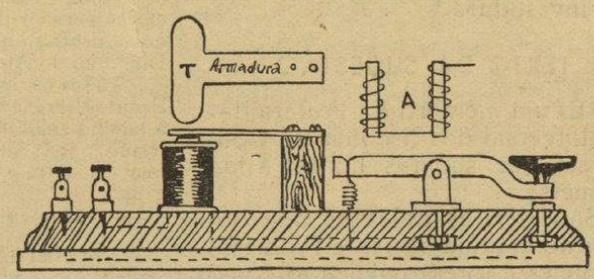
Na montagem de um posto de sinalização óptica é, necessário contar com um secretário ou escriba que escreverá as letras que vão sendo lidas em voz alta pelo receptor e ditará ao transmissor as letras, dizendo «fim de palavra» e «fim de transmissão», no momento devido. Em ambos os casos é usado o mesmo processo de transmissão do homográfico.

CHAVES ELÉCTRICAS DE MORSE

No mercado existem chaves eléctricas para Morse, com vibrador e com lâmpada, que devem ser preferidas para a aprendizagem e prática. Mas o Escoteiro hábil, deve construir a sua própria chave, trabalho relativamente fácil.

Preparas uma base de madeira de 12x5x1 cm. Com dois arames de ferro, com 24 mm. de comprimento terás os núcleos dos magnetos. Fazes, sobre cada um destes arames, 2 ou 3 envolvimentos de fio de cobre isolado n.º 25 (escala inglesa), semelhante ao das campainhas eléctricas vulgares, que deixam a descoberto cerca de 8 mm. do núcleo, de forma que possa ser fixado na tábua. Ver, na figura A do esquema, a maneira como os dois magnetos são ligados.

Uns 25 mm. à direita deles, prega-se à tábua um pequeno bloco de madeira, cujo plano superior coincide com o plano das testas dos núcleos. Um pedaço de estanho, cortado em forma de T, é realçado sobre a base, e a sua parte mais larga é



ligeiramente dobrada no extremo, de modo que, entre ela e as testas dos núcleos, fique um espaço de 3/4 de mm.

A tecla faz-se de madeira e com a forma que se vê na gravura; intercala-se entre duas asinhas de madeira fixadas na tábua da base. Debaixo da tecla passa um fio de cobre puro, que segue a linha ponteada da figura; e a tecla mantém-se horizontal por meio de um elástico que se prende à sua parte anterior e a um gancho fixado na base. Sob o botão da tecla, há, sobre a tábua da base, uma folha de estanho, para formar o contacto entre o fio de cobre da tecla e o dos magnetos, quando se baixa a tecla.

Na figura vêem-se perfeitamente, seguindo as linhas ponteadas, as ligações entre a tecla e os magnetos e entre estes e os dois bornes em que acabam os fios condutores de uma corrente vulgar.

(*A construção da chave é transcrita do «Receituário Doméstico» da Editorial Minerva*).

N. R.—*A prova n.º 7 será publicado no próximo número.*

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
QUINTINO, L.DA

RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA

A Fraternidade Universal dos Escoteiros

A 15.ª Conferência Internacional de Escotismo, reunida o ano passado no Canadá, pediu à Repartição Internacional que enviasse aos países membros uma circular contendo a sugestão de um texto sobre o significado da fraternidade mundial dos escoteiros e a sua relação para com os membros do Escotismo.

A Conferência sugere que esse texto faça, de futuro, parte dos manuais de Escotismo destinados às «Provas de Pata-Tenra» ou 3.ª classe, tornando-se parte do treino normal dos Aspirantes antes da sua investidura.

TEXTO DA SUGESTÃO

«És um membro da Fraternidade Universal dos Escoteiros. Confio em que saberás honrar a tua Promessa.»

São estas as palavras que ouvirás no dia que fizeres a Promessa Escoteira e fores qualificado como membro do maior movimento de rapazes no mundo.

Talvez saibas vagamente que há muitos Escoteiros, mas sabes que há tantos Escoteiros no mundo como habitantes em Londres ou Nova Iorque, muito mais do que a população de qualquer outra cidade? Sabes que há Escoteiros em todos os países livres do mundo? Sabes que há Escoteiros de todas as raças, cores, crenças religiosas e de todas as formas e tamanhos? Foi nesta família que entraste, e entraste nela pela única porta aberta a qualquer rapaz, a aprovação das provas de Pata-Tenra e a prestação da Promessa Escoteira.

Deverás saber que cada país tem o seu próprio Chefe Escoteiro e Sede Nacional para todos os Escoteiros desse país, e que todos estes Movimentos Nacionais se reúnem no que é conhecido como a Conferência Internacional de Escoteiros. A sede desta Conferência é a Repartição Internacional de Escoteiros, situada em Londres, Inglaterra. Esta sede está em contacto com as Associações de Escoteiros de todos os países; publica uma revista chamada «World Scouting», providencia para que o teu Chefe tenha a mesma instrução especializada que os Chefes recebem em todo o mundo. Está muito interessada no teu progresso e espera que um dia viajarás no estrangeiro para acampar e percorrer, com os teus irmãos escoteiros, outras terras ou tomar parte num Jamboree. A Repartição Internacional fornece-te Cartas de Apresentação se saíres do teu próprio país — uma espécie de Passaporte Escoteiro. Quando chegar o tempo, saberás isto pelo teu Chefe que obterá uma do Comissário Internacional.

A Conferência Internacional e a Repartição procuram desenvolver o Escotismo nos países em que ele é novo ou luta com dificuldades, e procura também auxiliar o progresso do Escotismo em todos os países.

Gostarás de saber que tu e todos os outros Escoteiros auxiliam a pagar o trabalho feito. Isto custa-te só cerca de 1 «peny» se fores inglês, cinco cêntimos se viveres nos Estados Unidos da América e quatro francos se fores um Escoteiro francês; realmente não é uma verba dispendiosa no teu orçamento. (Cerca de Esc. $40).

Como membro da Fraternidade Universal dos Escoteiros tens o direito de usar a saudação escoteira, a qual, cada vez que a fizeres, te lembrará a Promessa Escoteira e a Lei, e também o aperto da mão esquerda que só os Escoteiros usam.

(Tradução de Artur Ferreira Manso)



Fernando Baía dos Santos

A tragédia já é conhecida dos nossos leitores. Um avião em que seguiam dois cineastas, um locutor do Rádio Clube de Moçambique e pilotado por um aviador sul-africano, em serviço de reportagem da viagem do sr. Presidente da República, caiu em plena floresta moçambicana, morrendo todos os seus passageiros. Um dos cineastas, que tão tristemente perdeu a vida, era Fernando Baía dos Santos, um amigo dedicado do «Sempre Pronto», em cujas colunas colaborou, tendo a seu cargo a secção «O Prelo e o Livro».

Baía dos Santos foi escoteiro do Grupo n.º 1, colaborou nos serviços regionais de Lisboa e estava sempre pronto a colocar ao serviço do Escotismo as suas aptidões profissionais. Pertenceu também à Direcção do Ateneu Comercial de Lisboa.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» apresentam sentidas condolências à família enlutada, particularmente a seu irmão, sr. António Baía dos Santos, também antigo escoteiro daquele mesmo grupo.

Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

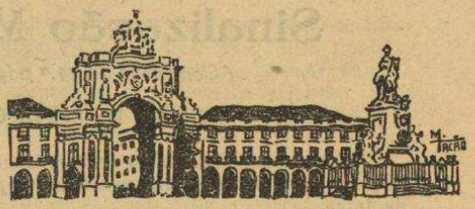
BOLETIM

Acabamos de receber o primeiro número do Boletim da Fraternal.

Trata-se de uma edição copiografada e pretende ser um elo de ligação entre os nossos antigos escoteiros.

Embora com um aspecto bastante apresentável, o novo boletim aguarda a colaboração de todos os antigos escoteiros para que atinja o desenvolvimento e a expansão que todos desejam.

Desejamos-lhe longa vida e prosperidades ao serviço do ideal escotista.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

A Batalha de Aljubarrota evocada pelos Escoteiros de Portugal

Os grupos n.os 10, 53 e 94, de Lisboa, reuniram-se nos dias 14 e 15 de Agosto passado, na Mata da Costa da Caparica, onde acamparam, comemorando a data histórica da Batalha de Aljubarrota.

Apesar de se encontrarem fora de Lisboa muitos escoteiros dos três grupos, foi ainda possível reunir cerca de meia centena de escoteiros. À noite, houve fogo de conselho, contudo, em virtude de muitos escoteiros terem chegado tarde ao acampamento, as comemorações foram adiadas para a festa de campo do dia 15 à tarde. Os escoteiros aproveitaram, então, essa oportunidade para apresentar as suas canções, monólogos e um episódio pelo Grupo 94.

Foi recordado o Caminheiro José Relvas, do Grupo 10, que se encontra em Goa ao serviço da Pátria e foi resolvido encarregar o Clã Luís de Camões de lhe transmitir uma entusiástica saudação de todos os escoteiros acampados.

Na impossibilidade da sua presença, foi lida pelo Director do nosso jornal uma palestra do Chefe Armando Lino, evocando os acontecimentos gloriosos da Batalha de Aljubarrota e exaltando a figura heróica de D. Nuno Álvares Pereira. No final, o Director do «Sempre Pronto» lembrou que os escoteiros constituíam hoje uma nova Ala de Namorados, firmemente dispostos a lutar a favor de Deus e da Pátria. Afirmou que o simples facto de envergar uma farda não fazia de um rapaz um escoteiro. Conhecia-se o escoteiro pela forma como vivia o seu ideal. Era essa exactamente a característica da Ala dos Namorados. Estes não eram meramente uns guerreiros, eram uma ala da juventude que bravamente se batia por um ideal. São assim os escoteiros.

Ao fim da tarde, os escoteiros regressaram a Lisboa.

* * *

O Grupo 94 encontrava-se acampado no local desde sábado, 11 de Agosto. Nesse mesmo fim de semana, esteve também ali o Grupo «Pedro Álvares Cabral», que nos dias 14 e 15 de Agosto, de cooperação com a juventude da sua igreja, acampou noutro local e, por isso, não esteve presente com os outros grupos evangélicos de Lisboa.

ENTRONCAMENTO

Grupo n.º 84

Excursão—No passado dia 29 de Julho, alguns escoteiros deste grupo marcharam a pé até ao quartel de Tancos, ou sejam aproximadamente 8 quilómetros, para assistir ao juramento de bandeira aí efectuado. Regressaram à tarde, de comboio.

Acampamento — Em 4 e 5 de Agosto passado, este grupo acampou numa propriedade dos arredores desta Vila, chamada «Bonito», onde existe uma nascente das melhores águas da região. O grupo compareceu na sua máxima força. Este local tem sido muito frequentado pelo «84», em virtude das excelentes condições para a prática de campismo

Festas do Entroncamento — No dia 19 de Agosto, a banda do grupo colaborou activamente nas festas realizadas nesta vila, a favor do hospital local. À tarde percorreu as ruas da localidade tocando marchas; à noite, no palco do recinto das festas, deu um concerto que mereceu fartos aplausos do público, pelo brilho atingido pela execução.—C.